

## Índice

Introdução .....	3
<b>Capítulo 1: Perspectiva teórica</b>	
Introdução.....	5
O consumo de substâncias psicoactivas.....	5
Dependência, tolerância, síndrome de abstinência.....	5
Factores de risco e protecção.....	7
Heroína e cocaína.....	8
O <i>junkie</i> – Caracterização de um actor social.....	10
Evolução e trajectória; desvio e exclusão.....	10
Bairros sociais – Territórios psicotrópicos .....	13
<b>Capítulo 2: Estudo empírico</b>	
Introdução.....	16
Questões de investigação.....	16
Metodologia .....	16
Apresentação e reflexão acerca do método .....	16
Pesquisa qualitativa.....	16
História de vida.....	17
Biograma.....	19
Procedimento .....	20
Análise e tratamento da informação.....	21
Apresentação e discussão dos resultados.....	22
O entrevistado: enquadramento da narrativa.....	22
Categoria “Ocupação”.....	23
Escola.....	23
Tempo livre.....	24
Vida profissional.....	24
Habitação/Vida sem-abrigo.....	26
Comportamento desviante.....	28

Gestão dos consumos.....	30
Categoria “Dispositivos informais de socialização”.....	36
Família.....	36
Amigos.....	40
Relações afectivas.....	43
Relação com o bairro.....	44
Relação consigo próprio.....	46
Categoria “Dispositivos formais de controlo”.....	50
Intervenções terapêuticas.....	50
Intervenções judiciais.....	51
Relação com a polícia.....	51
Conclusão.....	52
Bibliografia .....	54

## Introdução

A presente investigação faz parte da elaboração de uma tese de mestrado, no âmbito do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na área do Comportamento Desviante e Justiça.

Em primeiro lugar, é necessário referir-me à pertinência da temática escolhida. Optei pelo fenómeno droga porque desde sempre me suscitou um grande interesse, sobretudo ao longo do corrente ano, em que efectuei um estágio numa instituição de redução de riscos no Bairro S. João de Deus. Aqui, contactei mais de perto com os actores sociais das drogas, apercebendo-me de que ainda pouco se conhece acerca das suas vivências, práticas e estilo de vida.

Os objectivos deste trabalho incluem: conhecer em profundidade o impacto da droga na vida de um indivíduo e, através do conhecimento aprofundado da sua história de vida, compreender quais os factores que influenciam o consumo de droga.

A história de vida foi o método qualitativo escolhido para cumprir os objectivos propostos, dado que capta a singularidade da vida do indivíduo e ao mesmo tempo vivências do social. De acordo com Frank (2000), contar histórias de vida pode ter um papel de recuperação dos indivíduos e das sociedades (Burgess, 1997). Assim, ao examinar uma história de vida, espero despoletar algumas questões e abrir um espaço para um pensamento e reflexão para os técnicos na área das drogas.

O sujeito deste projecto é um toxicodependente actualmente em recuperação, o Xico (nome fictício) e a sua história de vida. É dada ênfase à vivência do fenómeno droga e ao Bairro S. João de Deus, “território psicotrópico” habitualmente frequentado pelo entrevistado.

Perante uma limitação de páginas algo restritiva, a opção tomada foi reduzir a carga teórica implicada neste trabalho, privilegiando o estudo empírico. Deste modo, na primeira parte é realizado um enquadramento teórico do tema, abordando tópicos que vão desde o consumo de substâncias psicoactivas até ao percurso do *junkie* e a sua associação aos territórios psicotrópicos. A segunda parte é reservada para o estudo empírico, começando por algumas reflexões sobre o método das histórias de vida e os procedimentos utilizados para a recolha e tratamento dos dados. Por fim, é apresentada a análise da história de vida do sujeito e algumas conclusões.

## **Capítulo 1. Perspectiva teórica**

### **Introdução**

A revisão da literatura constitui o início real da investigação, porque são estas leituras que concorrem para gerar a problemática da pesquisa, bem como a experiência pessoal do investigador. As operações de leitura visam essencialmente assegurar a qualidade da problematização, ao passo que as entrevistas e os métodos complementares ajudam o investigador a ter um contacto com a realidade vivida pelos actores sociais. Ajudam ainda a adoptar uma abordagem aprofundada do objecto de estudo e, assim, a encontrar ideias e pistas de reflexão esclarecedoras.

Após uma breve introdução à problemática das drogas, definindo alguns conceitos fundamentais, refiro-me à figura do *junkie* e seu percurso. Seguidamente, é feita uma reflexão acerca dos “territórios psicotrópicos” e sua associação aos bairros sociais.

### **O consumo de substâncias psicoactivas**

De acordo com Poiares (1999), citado em Nunes & Jólluskin (2007), para melhor compreender a problemática das drogas há necessidade de lhe conhecer a história passada, uma vez que o uso actual das drogas assume uma configuração que resulta da “continuidade histórica” do fenómeno. O mesmo autor considera que a droga saiu dos salões e dos clubes de elites, para invadir as ruas das cidades e os bairros de operários.

O consumo de drogas com as características que actualmente se lhe identificam, não se desenvolveu ao acaso, mas segundo um trajecto obediente a vários factores de natureza económica, política, social e científica, numa contextualização histórico-cultural que também foi ditando o evoluir do fenómeno. De facto, o consumo de drogas revela-se um processo complexo e dinâmico, em mudança permanente, e talvez por isso não haja consenso no seio da comunidade científica. Cada autor opta por abordagens variadas, de acordo com pontos de vista diferentes.

#### *Dependência, tolerância, síndrome de abstinência*

Das várias tentativas de definição de droga, destaca-se a da autoria de Jervis que, em 1977, extravasou o plano farmacológico, referindo as drogas como o conjunto de substâncias que se introduzem no organismo para, voluntariamente, provocarem alterações nas condições psíquicas e que, com maior ou menor facilidade, acabam por criar um estado de dependência no indivíduo (Fernandes, 1997 *cit in* Nunes & Jólluskin, 2007).

Olivenstein (1985), citado em Caldeira (1999), refere que a dependência de drogas não deve ser considerada somente como um fenómeno psicoquímico, mas um fenómeno activo, voluntário, um modo de existência, uma relação com a vida. Ou seja, a droga existe independente do utilizador; o seu consumo só é possível com a participação do indivíduo; o uso, o abuso ou a dependência só podem ser definidos a partir da relação triangular entre o sujeito, a droga e o contexto em que essa droga é consumida.

Segundo Fonseca (1997), citado em Nunes & Jólluskin (2007), a dependência é resultante de uma interacção entre o organismo e uma substância tóxica ou droga, que o indivíduo se sente compelido a consumir periódica ou continuamente. Por sua vez, Schuckit (1998), citado pelos mesmos autores, refere a dependência como um conceito que remete para o papel central desempenhado pela substância, relativamente à vida do indivíduo que a consome, com a consequente presença de problemas relacionados com a perda de controlo dos consumos, levando o sujeito a um estado de crescentes dificuldades, a despeito das quais se verifica um regresso repetido ao uso da substância. A dependência física é indicadora da adaptação fisiológica ao consumo habitual da substância, enquanto a dependência psicológica é um atributo de todas as substâncias mediante o qual o consumidor tem a sensação de necessitar da droga para alcançar o seu melhor nível de actividade ou de bem-estar. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2004), o desenvolvimento da situação de dependência pode considerar-se como um processo de aprendizagem, mediante a ocorrência de alterações duráveis resultantes da interacção das substâncias consumidas e do ambiente. A dependência física de substâncias psicoactivas é fundamentalmente demonstrada pelo desenvolvimento dos sintomas decorrentes da abstinência, aquando da interrupção do consumo da substância. De acordo com Nunes e Jólluskin (2007), a explicação para a manutenção da dependência e o regresso aos mesmos padrões de consumo após longos períodos de abstinência parece provir de uma acção conjugada e complexa de factores psicológicos, neurobiológicos e sociais, ou seja, a dependência parece ser função das interacções complexas entre os efeitos fisiológicos das substâncias sobre as regiões cerebrais associadas à motivação e às emoções, em articulação com as aprendizagens desenvolvidas a respeito das relações entre o consumo de substâncias e as respostas comportamentais associada.

Como conceito estreitamente ligado à ideia de dependência, a tolerância é referida pela OMS (2004) como sendo a necessidade de, progressivamente, ir aumentando a dose da substância consumida, visando a obtenção do mesmo efeito, dado que o consumo da substância habitual passou a produzir efeitos consideravelmente menores. Por sua vez, a síndrome de

abstinência consiste na ocorrência de sintomas e de sinais físicos e psicológicos, decorrentes da interrupção ou da redução abrupta do consumo de uma substância (Nunes & Jólluskin, 2007).

De acordo com Costa (2002), a adicção às drogas é uma problemática que acarreta implicações ao nível individual, pelos efeitos produzidos pelas substâncias sobre o organismo, o comportamento e o funcionamento global do consumidor; ao nível social, pelos prejuízos e mal-estar causados, quer na família do consumidor, quer na comunidade em que aquele se insere; ao nível político-económico, pelo impacto produzido pelos intervenientes de um sistema de que fazem parte os elementos de produção e distribuição das drogas, bem como pelas características inerentes à ilicitude de tal mercado (Nunes & Jólluskin, 2007).

### *Factores de risco e protecção*

Caldeira (1999) considera que as diferentes formas de relação sujeito/droga, verificadas no actual cenário social, expressam singularidades construídas a partir do vivido no quotidiano de cada indivíduo, influenciadas por factores que funcionam ora como “protectores”, ora como “de risco” para a sua saúde e para a sua vida.

De acordo com Bucher (1995), citado em Caldeira (1999), “o uso de drogas não leva, automaticamente a estados de dependência. Passa-se ao abuso com a perda de controle sobre o uso, em consequência de certas dificuldades (factores de risco), que variam de pessoa para pessoa, mas também do contexto social e familiar”.

Para a OMS (*cit in* Caldeira, 1999), está mais sujeito ao uso de drogas o indivíduo sem informações adequadas sobre as drogas e seus efeitos; com uma saúde deficiente; insatisfeito com sua qualidade de vida; com personalidade vulnerável ou mal integrada; com fácil acesso às drogas.

Segundo Nunes e Jólluskin (2007), o risco é constituído por factores cuja influência favorece o desenvolvimento da conduta adictiva. Para Morel, Boulanger, Hervé e Tonnelet (2001), citados em Nunes e Jólluskin (2007), o risco é resultante da combinação entre cinco tipos de factores: *os individuais de vulnerabilidade; os sociais de exposição; os societários de desregulação; os da perigosidade farmacológica da substância e os associados ao consumo da mesma.*

Os factores *individuais de vulnerabilidade* definem-se como sendo toda a constelação de determinantes reunidos no indivíduo, favorecendo a adopção de comportamentos adictivos e a exposição aos danos consequentes. Entre estes factores destacam-se os de cariz genético (predisposição inata), os de natureza psicológica (fase desenvolvimental, modo global de

funcionamento do indivíduo) e os ligados à presença de psicopatologia. Nos factores *sociais de exposição e desregulação* destacam-se os familiares e psicossociais (interacções no meio de pertença), ou seja, um conjunto de influências microssociais como por exemplo, a história de consumo de drogas nos progenitores, o estilo educativo e os valores transmitidos ao indivíduo. No plano dos factores familiares e socioafectivos, encontram-se factores potenciadores do risco, como o predomínio de um inadequado estilo relacional e afectivo, a existência de relações conflituosas no seio familiar, o maior ou menor envolvimento e adaptação à escola. A pressão dos pares é também um factor que pode constituir risco, podendo mesmo ser determinante no processo de adicção às drogas.

Eisenstein (1993), citada em Caldeira (1999) refere-se a factores protectores como sendo “mecanismos conscientes ou inconscientes de adaptação e recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco”. A autora ressalta a importância do reforço dos factores protectores e da prevenção dos factores de risco para a preservação da saúde integral de um indivíduo ou de um grupo social.

Considero que a discussão sobre factores de risco e factores de protecção, apesar de ser importante para perceber melhor o uso e abuso de drogas, é também muito complexa, pelo que não nos podemos cingir a estes factores para explicar a dependência. Não há uma explicação simplista para esta questão, visto que sempre se consumiram substâncias psicoactivas e as problemáticas sociais, económicas e familiares, muitas vezes consideradas responsáveis pelo seu uso, foram-se modificando.

### *Heroína e Cocaína*

A caracterização da heroína e da cocaína, substâncias de eleição do *junkie*, é essencial para uma melhor compreensão daqueles que se tornam adictos a elas.

A heroína é um opiáceo que pertence ao grupo de substâncias depressoras do sistema nervoso, funcionando como um analgésico poderoso. É frequentemente consumida por via endovenosa, podendo também ser fumada. À semelhança de outros opiáceos, afecta directamente os respectivos receptores no cérebro, desenvolvendo uma acção de curta duração. A heroína é um derivado sintético da morfina que a medicina passou a adoptar para tratar a tuberculose em 1898. Entretanto, a prescrição da substância foi-se generalizando para um crescente número de indicações, e esse uso banalizado levou a que, no início do século XX, houvesse inúmeros casos de heroínodependência (Richard, Pirot & Senon, 2002b *cit in* Nunes & Jólluskin, 2007).



Os efeitos da heroína dependem da via de administração e da dose, mas têm uma componente subjectiva. Pode dizer-se que a injeção endovenosa proporciona um efeito intenso e curto, designado por *flash*, mas que parece ser impossível de alcançar se, de um ponto de vista subjectivo não houver uma relação estabelecida entre o indivíduo e a agulha, bem como um certo grau prévio de tolerância. Contudo, o *flash* parece ser mais uma interrupção do desassossego do que uma fonte directa de prazer. De facto, a intensidade do efeito apaziguador elimina qualquer preocupação ou temor (Escohotado, 2004a *cit in* Nunes & Jólluskin, 2007).

O consumo de heroína provoca elevada dependência física. Quando privado da substância por apenas um dia, o adicto pode sofrer de mal-estar geral, que inclui suores, nariz e olhos congestionados, arrepios, náuseas e diarreia; para evitar estes efeitos, continua a usar heroína (Thio, 1983).

Existe uma imagem mediática do consumidor de heroína: o escravo da substância. O corpo está sujeito aos imperativos da agulha com que se injecta (chuta). A síndrome de privação obriga às acções mais mirabolantes e impensadas: o roubo, a prostituição, o tráfico. A deriva opiácea instala-se plenamente, quando todas as esferas socializadoras do trabalho, da família e dos amigos, são quebradas. O indivíduo vive em função da substância e em função do evitamento da privação. (Tinoco, 2002).

A cocaína é o estimulante de origem natural mais potente que se conhece. A apetência por cocaína leva a que os consumidores de longa data refiram uma dolorosa ausência de prazer e, além disso, falem da presença de medo, continuando, no entanto, a sentir compulsão para consumir a substância. É frequente que a cocaína seja consumida juntamente com a heroína, formando-se assim, a designada “speedball”, numa combinação entre estimulante e depressor (DuPont, 2005, *cit in* Nunes & Jólluskin, 2007). Tal como a heroína, a cocaína pode também ser consumida por via endovenosa ou fumada. Pode ainda ser inalada.

Nos anos 70 o consumo de cocaína, na Europa e nos EUA, estava relacionado com a crença de que esta não provocava dependência e com uma imagem associada em primeiro lugar a artistas e posteriormente, já na década de 80, a homens de negócios e pessoas de estratos sociais elevados. Nos anos 90, a droga tornou-se mais acessível sendo utilizada principalmente em idades mais jovens, com a disseminação no mercado da base de cocaína e do *crack*, que favoreceu o consumo devido ao seu baixo custo, provocando consequências mais graves associadas, em parte, ao seu maior potencial adictivo (Pastor, 2001 *cit in* Ferreira-Borges & Filho, 2004).

## **O junkie – Caracterização de um actor social**

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Sociedade e Cultura (UNESCO), existem três tipos de utilizadores de drogas: o *experimentador*, que se limita a experimentar uma ou várias drogas, em geral por curiosidade, sem dar continuidade ao uso; o *utilizador ocasional*, que utiliza uma ou várias substâncias, quando disponível ou em ambiente favorável, sem rupturas nas relações afectivas, sociais ou profissionais; o *utilizador habitual ou "funcional"*, que faz uso frequente, ainda controlado, mas já se observam sinais de rupturas; o *utilizador dependente ou "disfuncional"* (toxicodependente, drogado, dependente químico), que vive pela droga e para a droga, descontroladamente, com rupturas nos seus vínculos sociais, com marginalização e isolamento (Caldeira, 1999). É no utilizador dependente ou disfuncional que vai incidir o meu trabalho.

A figura do *junkie* começa a corporizar-se nos anos 70 e é identificada com o movimento “underground” (Xiberras, 1989 *cit in* Ribeiro, 2004).

O *junkie* “caracteriza-se por organizar toda a sua vida em função da sequência compra-chuta-curte-ressaca-compra. Quando compra só pensa em chutar, quando regressa do chuto só pensa em chutar, para isso tem de comprar e quando consegue comprar só pensa em chutar. Tudo o que faz é em função disso, todas as suas interacções também. O seu dia-a-dia, quando não fica em casa com o sofrimento da abstinência ou com a aquietação de “estar bem” (quando tem pó), é uma sucessão de encontros, pequenas viagens (às zonas quentes), táxis, seringas, “chinesas”... As suas relações sociais são normalmente fragmentárias, são instrumentais: ocorrem por causa do pó. Fora do pó, a vida é um longo momento em que se desmultiplicam estratégias (interactivas e económicas) para arranjar pó. Fora do pó só há pó. Com o pó também — eis o desígnio *junkie*, dimensão refinada da toxicodependência. (...) O *junkie* é, pois, aquele cujo acto foi invadido pelo pó, passando de sujeito que dispunha de si a indivíduo determinado rigidamente pelo químico” (Fernandes, 2002).

### *Evolução e trajectória; desvio e exclusão*

Mas como se chega a um tal estado? As pessoas aprendem o comportamento adictivo de opiáceos tal como aprendem outro tipo de comportamento – primeiramente em associação e comunicação com outros adictos. Para se tornar um heroinómano, primeiro aprende como usar as drogas, começando a ter uma consciência básica delas, para depois tomar conhecimento de como administrá-las e como reconhecer os seus efeitos. Há, certamente, um motivo para

experimentar a droga: alívio da dor, agradar a alguém, adquirir aceitação no grupo, produzir euforia, etc. (Clinard & Meier, 2008).

Relativamente ao processo de adicção, esta desenvolve-se progressivamente, desde estádios experimentais, preliminares, passando por um hábito estável até ao término da adicção. Waldorf (1983), citado em Clinard & Meier (2008), identificou as seguintes fases na carreira do adicto:

- experimentação ou iniciação: habitualmente na companhia dos pares, alguém experimenta heroína para satisfazer a curiosidade;

- escalada: desenvolve-se um padrão de uso frequente, levando ao uso diário, dependência física e tolerância;

- manutenção ou “*taking care of business*”: um uso relativamente estável ainda permite ao adicto sentir os efeitos; psicologicamente, ele mantém-se confiante em continuar com as suas responsabilidades;

- disfunção ou “*going through changes*”: o adicto pode experienciar a reclusão ou um programa de tratamento pela primeira vez, e outros efeitos negativos do hábito podem tornar-se evidentes; pode tentar deixar a droga, sozinho ou com os outros, mas falha;

- recuperação ou “*getting out of the life*”: o adicto desenvolve uma atitude para deixar as drogas, entrando ou não num programa de tratamento; este desenvolvimento implica grandes mudanças de vida;

- ex-adicto: o utilizador de drogas adquire uma nova identidade social de ex-toxicod dependente.

A teoria da aprendizagem social defende que a desviância resulta da aquisição de normas e valores desviantes, particularmente aqueles aprendidos em subculturas ou com o grupo de pares (Warr, 2002). Os actos desviantes são um comportamento aprendido na interacção com os outros, no processo de comunicação, sobretudo nos grupos mais íntimos, primários (Clinard & Meier, 2008).

Acerca do mundo desviante, Becker diz-nos que os normais parecem protegidos por processos de implicação nas convenções, nas instituições, no mundo da normalidade. Não podem, pois, passar ao acto sem se verem obrigados a renunciar a tudo isso. Existem duas maneiras de passagem ao acto pelos desviantes: quando os indivíduos estão totalmente livres de qualquer compromisso para com a sociedade convencional, o que é possível se cresceram e se socializaram numa outra cultura ou subcultura (eles estão na ignorância das normas convencionais, comprometendo-se mais profundamente com as normas alternativas); ou

quando conhecem as regras da sociedade, talvez as tenham integrado e são, portanto, obrigados a transigir com o tipo de sensibilidade que caracteriza o cidadão médio: os desviantes inventam “justificações” ou técnicas de neutralização das normas convencionais, que se tornam as suas próprias normas (Xiberras, 1993).

Acerca da passagem do desvio ocasional ao modo de vida desviante, o mesmo autor diz-nos que durante a prática desviante e durante a interacção com os desviantes, o noviço faz uma aprendizagem da entrada, e depois da pertença, a uma subcultura. Os desviantes partilham, no mínimo, o seu desvio, o que lhes dá o sentimento de possuírem um destino comum, constituindo-se como uma cultura comum. Os grupos, mais do que os indivíduos isolados, são levados a construir justificações históricas, jurídicas, psicológicas que lhes permitem definir uma identidade que, embora desviante, é na mesma uma identidade (Xiberras, 1993).

De acordo com Xiberras (1993), existem, no seio da comunidade tóxica, diferentes categorias de população distintas. Aos olhos da sociedade, o toxicómano é um modelo repulsivo, um perigo para as crianças, um flagelo para o seu laço social e para os seus valores oficiais. Aos olhos dos consumidores, existe uma rede de ilegalidade, onde vários mundos se encontram frequentemente, reunidos à volta do abastecimento e do mercado negro. Todavia, para o acto de consumo, cada um recupera o seu espaço privado e as regras de uso específicas do seu grupo de pertença, ou de consumo. A toxicomania corresponde, perfeitamente, nesse aspecto, à forma do neotribalismo, que permite encontrar, no seio de grupos de pertença, um laço de fusão e de aprendizagem colectiva. A heroína, especialmente, constitui um produto sem tradições de protecção e com propriedades de habituação francamente desmultiplicadas. O facto de levar os sujeitos a fecharem-se sobre si mesmos torna-a imprópria para o consumo colectivo e desenvolve, pelo contrário, práticas e regras de consumo solitárias e deliberadamente viradas para o excesso.

Relativamente ao caso limite de exclusão social, o isolamento completo, pode ser representado pelo toxicómano duro, ou pela personagem do *junkie*, simultaneamente rejeitado pela sua própria comunidade e pela sociedade global. Ele também perdeu, inclusivamente, o seu valor de ser humano, ou de humanidade, a sua relação com a sociedade é considerada como uma não-relação, segundo Simmel (Xiberras, 1993).

Na minha opinião, o *junkie* não pode ser considerado um actor social estático, imóvel, mas sim um actor sujeito a um processo complexo que se desenvolve através de várias etapas.

## **Bairros sociais – Territórios psicotrópicos**

Os bairros sociais têm sido apelidados de “hipermercados da droga” pela sociedade dominante. Na minha opinião, estes lugares reflectem apenas alguns processos e contradições das sociedades modernas, desigualdades económicas e sociais que, aguçadas pelo discurso mediático, se transformam num estigma carregado pelos indivíduos que habitam ou frequentam esses locais.

Os bairros sociais aparecem no discurso mediático, como os sítios dum urbano degradado cujo efeito eco-social disfuncional seria uma espécie de capacidade produtora de marginalidades e de figuras desviantes (Fernandes, 2001). Em vez de estar disseminada no conjunto de zonas habitadas pela classe operária, a marginalidade avançada tende a concentrar-se em territórios isolados e delimitados, percebidos como purgatórios sociais no coração da metrópole pós-industrial (Wacquant, 2006).

A partir dos anos 80, alguns dos cerca de 40 bairros de habitação social do Porto passaram a ser notícia sistemática da comunicação social, cuja atenção girava em torno da constituição destes espaços como mercados das drogas e como concentração de delinquentes. Assim, o “bairro social degradado” é construído mediaticamente como uma figura da perigosidade e da ameaça. O S. João de Deus tomava progressivamente o lugar de topo nesta escala dos “espaços perigosos” (Fernandes, 2006).

Goffman (1988), na obra “Estigma”, considera que “os que se agrupam numa subcomunidade ou meio podem ser denominados de “desviantes sociais” (...) São essas as pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação colectiva da ordem social. Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade (...) elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade”.

A investigação social que se tem debruçado sobre zonas urbanas problemáticas tem continuamente salientado o conflito entre as populações relegadas e as instâncias do controle social. A posição de marginalidade e relegação que estas zonas têm na hierarquia de espaços urbanos é interiorizada pelas respectivas populações sobre a forma de estigma, conduzindo a identidades sociais fortemente fragilizadas na sua relação com o resto da cidade. Não se trata simplesmente de sítios onde se vive pior ou onde se concentram comportamentos desviantes. Trata-se, sim, de lugares em corte com o consenso dominante sobre o que é um bom habitat, uma boa socialização, as regras, a ordem social (Fernandes, 2006).

São territórios psicotrópicos, sedutores de indivíduos que têm interesses em torno das drogas, com um programa comportamental orientado para os aspectos instrumentais ligados a

um estilo de vida em que as mesmas têm um papel importante. Configuram-se como territórios através do reconhecimento das funções que desempenham e dos comportamentos de defesa em relação a estranhos por parte dos actores que se apropriam desses territórios. Estes actores sociais apropriam-se de determinados lugares da cidade cujos perfis ecosociais se revelam como os mais adequados. Utilizando como critério essa territorialidade dos espaços, existem três tipos de zonas de “trabalho” psicotrópico: pontos de mercado; pontos de consumo; zonas de aquisição de fundos (Fernandes & Pinto, 2004).

Assim, considero que os bairros sociais estão conotados com o estigma espacial que os associa constantemente ao tráfico e consumo de droga, à delinquência, à insegurança e ao medo por parte da população da cidade normativa.

## **Capitulo 2. Estudo Empirico**

### **Introdução**

Neste capítulo são apresentadas as questões de investigação, o porquê da escolha e a descrição das técnicas utilizadas, o modo como foi analisada a informação recolhida e por fim a apresentação e discussão dos resultados.

### **Questões de investigação**

A organização de uma investigação em torno de hipóteses ou questões de investigação constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade que caracteriza qualquer esforço intelectual. Para o presente projecto coloquei as seguintes questões de investigação:

- Quais são os factores que influenciam o consumo de droga (factores de risco/protecção)? Existem muitas teorias acerca do porquê dos adolescentes se tornarem consumidores problemáticos, algumas sugerindo pressão dos pares, disponibilidade, hereditariedade, compulsão biológica e procura de prazer.
- Os acontecimentos de vida podem contribuir para o consumo como forma de “fugir” ou esquecer os problemas? Há algumas investigações que relacionam experiências de vida traumáticas com o subsequente abuso de diversas substâncias (Griffiths, 1998; Lubit et al., 2003; Marcenko et al., 2000; Najavits et al., 1997; Porter, 1994; Ravndal et al., 2001; Zickler, 2002).

## **Metodologia**

### *Apresentação e reflexão acerca do método*

A investigação foi realizada tendo por base métodos qualitativos, nomeadamente a história de vida e o biograma, utilizado como técnica de partida para a recolha da história de vida.

### *Pesquisa qualitativa*

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade (Bradley, 1939 *cit in* Dias, 2000). A tradição de investigação qualitativa, em ciências sociais, consiste em estudar e em interagir com as pessoas no seu terreno, através da sua linguagem, sem recorrer a um distanciamento que levaria o emprego de formas simbólicas estranhas ao seu meio (Gauthier, 1987 *cit in* Dias, 2000).

De uma forma geral, os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com informações mais subjectivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos



quantitativos (Dias, 1999). Os métodos qualitativos geralmente empregam procedimentos interpretativos, pressupostos relativistas e representação verbal dos dados, em contraposição à representação numérica (Sutton, 1993 *cit in* Dias, 2000).

A tarefa do investigador na investigação interpretativa é de descobrir o “modo como as organizações sociais e a cultura, específicas de um meio ou comuns a vários meios, influenciam as opções e as condutas das pessoas em acção” (Erickson, 1986 *cit in* Lessard-Hébert, Goyette, & Boutin, 1990). O investigador deve submeter-se às condições particulares do terreno e estar atento a dimensões que se possam revelar importantes. O quadro de análise do seu estudo não lhe surge de repente, mas vai sendo progressivamente elaborado através de um incessante questionamento dos dados.

### História de vida

A história de vida ou biografia constitui um acto de pesquisa, implicando não só a pessoa do interlocutor, não só a sua envolvência social, mas também a pessoa do investigador, que realiza a entrevista, e o seu próprio meio sociocultural. Além disso, as narrativas sociais geralmente focam-se nas características pessoais e psicológicas dos consumidores, sem ter em conta experiências de vida ou as condições sociais, políticas e económicas que rodeiam a vida da pessoa. Raramente se encontram estudos que foquem o que a pessoa tem para nos dizer, pelas suas próprias palavras (Poirier *et al.*, 1995).

Apesar da história de vida ser uma forma ainda pouco utilizada de conhecer em profundidade a vida de um consumidor de droga, proporciona dados mais ricos, amplos, descritivos e subjectivos, relativos às suas experiências. Considero que esta metodologia fornece dados subjectivos no sentido de se referirem a um sujeito, a um actor social. São também intersubjectivos, porque reflectem as relações entre os sujeitos de uma comunidade.

Na história de vida podemos ouvir os significados subjectivos e o sentido do “*self*” e da identidade, tendo em conta que as histórias são reconstruções das experiências da pessoa, lembradas e ditas num determinado ponto das suas vidas, a um determinado pesquisador e para um determinado objectivo (Etherington, 2006).

De acordo com Tinoco e Pinto (2001), a abordagem biográfica tenta ler os fenómenos psicológicos, sociais ou antropológicos à luz do indivíduo. As biografias conheceram um desenvolvimento especial nos primórdios da antropologia e da sociologia, e só muito mais tarde a psicologia se começou a interessar por esta vertente. A obra de Óscar Lewis “Os filhos de Sanchez”, em 1963, fez com que as biografias retomassem um lugar de crescente relevo nas

ciências sociais e humanas, e permitiu uma consolidação epistemológica desta corrente. Actualmente, é ponto assente a possibilidade de uma leitura psico-social das histórias de vida. As biografias que são recolhidas possibilitam o acesso a constrangimentos e condicionantes sociais, ao mesmo tempo que nos fornecem alguma compreensão sobre o modo como determinado sujeito actualizou essas dimensões exteriores em si.

Na área da metodologia, não existe um *modus operandi* bem definido. Cada investigação recria de algum modo o método, e isto sem perder cientificidade: as regras do procedimento são explícitas e nascem de necessidades específicas da pesquisa. Podemos dividir as histórias de vida tendo por base o critério da sua natureza: biografia directa e biografia indirecta. A primeira, é recolhida junto dos entrevistados; a segunda, aproxima-se mais da pesquisa documental. Quanto à extensão da recolha dos dados, podemos considerar as biografias temáticas – que se cingem a um aspecto da vida dos entrevistados, p. e. percurso de consumidor – e as biografias exaustivas mais comuns em antropologia e em estudos que se debruçam sobre a compreensão de um modo cultural radicalmente diferente. Quanto a questões mais formais, as biografias podem-se constituir como histórias de vida de caso único e histórias de vida cruzadas. As primeiras, elegem um percurso singular de um indivíduo que é, de alguma maneira, ilustrativo de um determinado fenómeno. As últimas, procedem através da acumulação de registos sobre os quais incidirá a análise (Poirier *et al.*, 1995). Os *settings* podem também variar imenso: recolha de histórias de vida em contexto institucional (Macquet, 1992); no âmbito de projectos de investigação com gratificação monetária aos participantes (Faupel, 1991); em contexto etnográfico com a ajuda de um informante privilegiado e a utilização da técnica da bola de neve (Ingold *et al.*, 1991). O número de entrevistas por participante pode variar de uma única a uma série delas. Finalmente, a recolha dos dados pode ter fins estritamente científicos ou investigativos, assim como formativos, de orientação profissional ou, ainda, de intervenção psicológica (Tinoco & Pinto, 2001).

Para esta investigação, utilizo a metodologia da biografia directa e temática, apesar de incidir sobre vários aspectos da vida do entrevistado. A recolha é efectuada no âmbito de um projecto de investigação, embora sem gratificação monetária, pelo que os dados obtidos têm fins investigativos.

Ainda de acordo com Tinoco e Pinto (2001), existem várias características epistemológicas e metodológicas que relançaram a biografia na investigação das toxicodependências: é um método sensível à novidade e ao imprevisto, podendo combinar-se com a realização de observação de rua e de estudos etnográficos; investiga os comportamentos quotidianos e as ideologias produzidas por classes ou subculturas minoritárias no todo social;

no fundo, fornece um olhar microscópico para a compreensão de muitas mudanças, nomeadamente do objecto de estudo.

A concentração da venda de substâncias psicoactivas em locais específicos das cidades, a proliferação de espaços ligados ao tráfico de droga com dinâmicas sociais bem próprias e também a emergência de um grupo de toxicodependentes mais homogéneo, o *junkie*, cujo aparecimento é relativamente recente no nosso país, impõe questões novas a que é preciso responder (Tinoco & Pinto, 2001). Os autores consideram que a biografia reúne vantagens ao poder ser aplicada em vários *settings* institucionais, em trabalho de campo, e ao encarar o objecto de estudo de uma nova maneira: as práticas desviantes são algo adquirido na interacção social. Por isso, é fundamental observar o modo de aquisição de uma identidade desviante através da compreensão fenomenológica dos actos e cognições dos indivíduos consumidores.

### Biograma

O biograma é constituído por uma série de áreas temáticas da existência do sujeito, organizadas ao longo do eixo formado pela idade cronológica. Para cada idade, deverão ser assinalados os principais eventos nas categorias relevantes. (Tinoco & Pinto, 2001).

A história de vida não deve ser escrita apesar do que o sujeito diz, mas sim ser co-construída com ele. A visualização do percurso biográfico nos eixos do biograma deverá facilitar essa apropriação que o sujeito faz em relação ao seu próprio percurso. Não se deve forçar a realização deste trabalho à revelia do indivíduo. Para isso, a flexibilidade deve ser um dos nossos principais aliados. Flexibilidade para suspender o processo e retomá-lo mais tarde. Imaginação para o ir reinventando. Sensibilidade para adaptar os campos temáticos ao sujeito que temos pela frente. A constante atenção aos indicadores de resistência do outro será outra dimensão a ter permanentemente em linha de conta. Todos estes cuidados facilitam a prossecução e o sucesso das intervenções (Tinoco & Pinto, 2003).

### *Procedimento*

Como ponto de partida para a recolha da história de vida, iniciei com o participante um pequeno resumo informal da sua vida, nomeadamente nos campos da família, escola, relacionamento interpessoal, relação com drogas e com o bairro (cf. Anexo I).

Seguidamente, optei por apresentar ao sujeito o método do biograma. Disse-lhe que era uma tarefa conjunta, que podia ajudá-lo, mas decidiu realizá-lo sozinho, mostrando-se bastante

receptivo. Apenas sugeri as temáticas a incluir na grelha: família, vida profissional, vida pessoal, relação com drogas e bairro, saúde e comportamento. Em cada um dos campos poderia classificar os acontecimentos com uma escala de 1 (nada importante) até 5 (muito importante). Mais tarde, optei por alargar o biograma e realizar com o participante um outro mais completo, englobando as áreas da família, amigos, relacionamentos afectivos, percurso escolar, vida profissional, comportamento desviante, intervenções terapêuticas/estado de saúde, intervenções judiciais, consumos, relação com o bairro, habitação/vida sem-abrigo, ocupação do tempo e comportamento/personalidade.

Deste modo, foi mais fácil elaborar um guião para as entrevistas da história de vida, que foi seccionado de acordo com as áreas do biograma (cf. Anexo I). O guião não foi utilizado tal e qual como se apresenta, pois houve perguntas que foram alteradas ou acrescentadas no decorrer das entrevistas, consoante as respostas dadas pelo sujeito.

Em termos cronológicos, a narrativa foi dividida em períodos da vida ou “estádios”, de 5 em 5 anos. Estes estádios não são fixos, e esta designação foi adoptada por uma questão de facilidade de comunicação com o sujeito.

Antes de iniciar a recolha de dados, elaborei um contrato com o entrevistado, explicitando as principais regras e objectivos do projecto (cf. Anexo II).

A história de vida foi recolhida através de várias entrevistas semi-directivas/guiadas gravadas em formato mp4 que posteriormente foram transcritas integralmente. As dez entrevistas efectuadas tiveram a duração entre quarenta a oitenta minutos e foram efectuadas num gabinete de atendimento do projecto ARRIMO, no Bairro S. João de Deus. A entrevista guiada ou centrada tem por objectivo explorar uma parte da vida do narrador; está focalizada em situações vividas, em acontecimentos. O investigador deve manter uma certa não directividade no interior do guião, tendo uma função de enquadramento e de precisão. Irei proceder de tal forma que a versão apresentada ao público seja o mais próximo possível do original. A entrevista tem por fim recolher o saber específico de que o narrador é portador. É importante observar e registar as intervenções expressivas do narrador, para além das palavras.

Inicialmente, tinha-me proposto realizar uma etnobiografia. No entanto, por dificuldades metodológicas e pela extensão de dados da recolha feita com entrevistado e todo o trabalho daí decorrente, optei por modificar o meu dispositivo metodológico. Neste sentido, o meu trabalho incidirá mais sobre o indivíduo e não tanto sobre o contexto envolvente, neste caso o bairro S. João de Deus.

### *Análise e tratamento da informação*

O material recolhido das entrevistas foi analisado através da técnica da análise de conteúdo, que Bardin define como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2008).

Depois da longa fase de transcrições das entrevistas, que completaram mais de setenta páginas em computador, efectuei uma leitura flutuante, como primeiro passo da análise de conteúdo, com o objectivo de apreender as redundâncias do discurso, as suas principais ideias, os acontecimentos e as etapas da vida que o narrador considera como os momentos-chave da sua existência.

A história de vida será apresentada seguindo uma ordem temática. No entanto, cada um dos temas ou categorias terá implícita uma ordem cronológica, de acordo com os “estádios” da vida decorrentes do biograma. Poirier *et al.* (1995) consideram que esta ordem temática implica uma análise prévia de conteúdo, com categorias tiradas do *corpus*, e uma organização dos dados em ideias-força ou acontecimentos essenciais. Esta apresentação pode ir a par com a ordem cronológica ou, pelo menos, misturar-se com esta. É a escuta atenta da entrevista e a leitura minuciosa que trazem à luz as unidades de significação, cujo valor é confirmado pela importância que tomam na narrativa, pela sua repetição, abundância, ligações e comentário.

Com base nos temas do biograma e nas leituras atentas do *corpus* das entrevistas, emergiram três grandes unidades ou categorias temáticas, organizadas posteriormente numa grelha de análise de conteúdo (cf. Anexo III): ocupação, dispositivos informais de socialização e dispositivos formais de controlo. Cada uma dessas categorias integra sub-categorias. Na categoria ocupação, temos a escola, tempo livre, vida profissional, habitação ou vida sem-abrigo, comportamento desviante e gestão dos consumos. A categoria dispositivos informais de socialização integra as sub-categorias família, amigos, relações afectivas, relação com o bairro e relação consigo próprio; por fim, a categoria dispositivos formais de controlo divide-se em intervenções terapêuticas, intervenções judiciais e relação com a polícia.

Na história de vida única, a análise constitui uma desmontagem da narrativa, destinada a permitir uma melhor reconstituição do sentido. O papel do inquiridor é explicitar e clarificar a história *virtual* que a entrevista suscitou. É então que se pode proceder à montagem da história, tratando-se de reencontrar a lógica e as significações do vivido e de as apresentar ao leitor. Os

reagrupamentos parciais por unidade categorial são em seguida reunidos numa narrativa coerente. (Poirier *et al.*, 1995).

## **Apresentação e discussão dos resultados**

Nesta secção é apresentada a análise da história de vida do Xico, de acordo com uma divisão temática (categorial) e cronológica, de modo a dar conta da sucessão dos acontecimentos de vida.

### *O entrevistado: enquadramento da narrativa*

O Xico (nome fictício) foi o participante escolhido para esta investigação. Relativamente às razões para a sua selecção, destacam-se a acessibilidade e o pragmatismo. Conheci-o durante o meu estágio no projecto ARRIMO (equipa de rua com sede no Bairro S. João de Deus) e fui interagindo com ele, apercebendo-me que era um dos utentes mais participativos e com uma história de vida muito interessante, que englobava diversas temáticas: evidentes carências afectivas e familiares, dificuldades económicas, reclusão, marginalidade, experiência de vida sem-abrigo, estilo de vida *junkie*, iniciação do programa de Baixo Limiar de Exigência, conhecimento e vivências no Bairro S. João de Deus.

O Xico é um toxicodependente em tratamento de substituição opiácea com metadona desde o dia 3 de Novembro de 2007. Tem 36 anos e há cerca de vinte que a sua vida gira em torno das drogas. Viveu durante sete anos como sem-abrigo, numa situação de exclusão social grave.

### *Categoria “Ocupação”*

#### *Escola*

Esta sub-categoria refere-se aos principais acontecimentos vividos durante o período em que o sujeito esteve na escola, nomeadamente até aos 14 anos.

No “estádio” dos 5 aos 10 anos, o Xico diz que “*Era traquina. Gostava de pregar partidas e depois fazia-me de inocente*”. Ao perguntar-lhe acerca das aulas e se se lembrava da sua professora, responde: “*Lembro-me bem da professora. Era muito simpática e gostava muito de mim. Disse-me que eu era um...era um dos catraios mais miudinhos lá e ela gostava muito*

*de mim. Tu és pequenino mas vais ser um homem grande... era o que ela me dizia. (longo silêncio) Mas também morreu!”* (começa a chorar, apesar do esforço para não o fazer).

Acerca da aprendizagem na escola, refere: *“Era bom aluno. Nunca estudei. Não, não valia a pena porque... porque aquilo que eu ouvia da professora eu assimilava com facilidade, eu tinha facilidade de aprendizagem”*.

Relativamente ao comportamento, diz-me que *“Fazia asneiras fora do horário da escola. Em antes de entrar e depois de sair. Faltar, faltava muito... A minha mãe descobria sempre. O meu pai nunca deu fé de nada. Ele não estava nem cá. Ele tinha o tempo ocupado... com o álcool, com os jogos. Tinha que estar no bingo ou no casino, ou aqui ou acolá e a bebida... Não estava preocupado. Nunca foi a uma reunião de encarregados de educação, nunca.”* Aqui se nota a revolta do sujeito pelo facto do pai não interferir na vida escolar do filho, revelando já o seu problema com o jogo e com o álcool.

No período dos 10 aos 15 anos, o Xico conta que: *“Acabei a primária, depois fui para a preparatória; só que aí já não dormia em casa. Tinha os livros, tinha tudo. Eu nunca abandonei a escola até ao oitavo ano. Abandonei foi a casa. Na escola, começou-se a acumular umas determinadas faltas... E eu ia até ao limite, sempre.”*

Ao ser questionado acerca do motivo da desistência da escola, explica que: *“Desisti da escola porque pagava 30 contos de aluguer e precisava de mais 5 contos para água e luz, numa altura em que o ordenado mínimo devia ser para aí 45... Pensava num futuro próximo, tinha que ter dinheiro para sobreviver. Foi no 8º ano, reprovei por faltas. Já só queria... Não estava interessado na escola. Também chegou a uma certa altura e eu tinha que me preocupar para arranjar dinheiro e pensava como é que eu vou jantar logo... E tenho que ter isto para amanhã, e tenho que ter isto para depois... Cheguei a fazer tentativas, cheguei a matricular-me à noite, mas não dava. Eu tinha que sobreviver e não conseguia”*.

O abandono precoce da escola está relacionado com dificuldades económicas, com a sua saída da casa da família e ainda com um desinteresse do próprio, observado através do absentismo.

### Tempo Livre

Aqui é perguntado ao sujeito como é que ocupava o tempo, o que fazia no tempo livre. Dos 5 aos 10 anos, diz que: *“O tempo livre era passado com a família e com os amigos, mas não eram da escola, eram de lá da rua. Ajudava a minha mãe e depois ia fazer partidas, era. Também estava sempre a ser castigado por aquilo que não fazia que depois dava-me mesmo*

*uma vontade enorme de fazer alguma asneira... Ser tão mal tratado sem fazer mal a ninguém...".* Já neste período, o sujeito expressa a sua vontade de fazer algumas asneiras, justificando-se com o facto de ser maltratado pelo pai.

Dos 10 aos 15 anos, quando já tinha abandonado a casa, diz: *"Nunca gostei de estar sozinho. Sei é que tinha de arranjar uma ocupação todos os dias... Quando a noite vinha os meus amigos desapareciam, depois era sozinho. Chegou a uma altura que comecei a fazer as coisas sozinho".* A solidão é um tema recorrente ao longo da entrevista. Mesmo sem ser questionado nesse sentido, o sujeito direcciona muitas vezes as perguntas para esse tema.

### Vida profissional

Esta sub-categoria refere-se a todo o trabalho realizado pelo sujeito para garantir a sua sustentabilidade, excepto o trabalho "ilícito", que será considerado na sub-categoria dos comportamentos desviantes.

Dos 10 aos 15 anos, já depois de ter saído de casa, aos 12 anos, refere: *"Bem, além de roubar... isso não está na vida profissional, pois não? Cheguei a trabalhar aos fins-de-semana... Ia para um senhor que tinha uma loja de vender sementes e comida para passarinhos e isso tudo, e eu ia embalar as rações! Trabalhava lá aos fins-de-semana, quando o meu pai estava para Lisboa... Porque aquilo era perto da minha casa. Se o meu pai estivesse para Lisboa, eu ia lá e trabalhava o fim-de-semana, se ele estivesse, não ia! Ele ia me procurar... (silêncio) Comida, arranjava comida. Roubava. Se tivesse dinheiro era para ir ao cinema".* O sujeito fala novamente no pai, no receio que sentia pela sua presença, vista como ameaçadora. Foi neste período que deu início aos pequenos furtos, encarados com naturalidade.

Depois de abandonar a escola, fez um curso profissional que lhe deu equivalência ao 9º ano: *"Era mais frequentar o curso para ganhar algum, ir ganhando algum dinheiro."*

Dos 20 aos 25 anos, o Xico esteve um ano na tropa, ofereceu-se como voluntário. *"Cheguei a sonhar, como qualquer pessoa da minha idade, penso eu, em cumprir o serviço militar, para vir a ter alguma profissão do género alguma força especial, uma tropa especial, polícia militar ou tropa de elite... Só que houve um fim de semana na tropa em que eu fiz uma asneira como quase toda a gente do quartel fez e deu buraco (consumiram droga e foram submetidos a testes). Fui despromovido e então como todos os meus sonhos e planos foram por água abaixo, perdido por dez, perdido por vinte... Foi mais ou menos assim do género".*

Dos 30 aos 35 anos, na fase de consumos mais intensa e numa situação de sem-abrigo, o Xico *"Arrumava carros. Naquela zona havia muitos arrumadores, fazia-se muito dinheiro,*



*havia dias que eu fazia 20, 30 contos! É assim, uma pessoa que esteja agarrada a uma quantidade razoável de droga, que dizer, onde é que eu ia depois arranjar 20 ou 30 contos? Só se fosse roubar! E roubar eu tinha feito uma promessa, que nunca mais ia ser desonesto.”*

Actualmente, aos 36 anos e abstinente em relação às drogas, pergunto-lhe em que área é que gostaria de trabalhar. Responde-me: *“Aquilo que eu gosto de fazer é uma coisa, aquilo que eu tenho capacidade para fazer eu não sei, porque estive desligado do mundo muito tempo. Quem é que não gosta de sonhar? Gostar, gostava de ser uma estrela pop, um actor de cinema, um Brad Pitt, sei lá! Agora algo mais real, sei lá! Eu penso em trabalhar, não penso em quê. Eu era um dos melhores alunos, uma pessoa com muito boas aptidões para estudar e se tivesse estudado talvez tivesse médias para entrar em medicina. Se for realista já nunca mais vou a tempo, não tirei nenhum curso superior nem o tenho, não é? Mas talvez trabalhar em lojas de material didáctico, exposições, sei lá, qualquer coisa! Não me estou a ver a trabalhar numa obra, isso não estou! Só se fosse num período de dois, três anos para arrecadar dinheiro, para poupar dinheiro. Eu não ponho de parte qualquer tipo de trabalho, nem que seja andar a partir pedra! Se me perguntar aquilo que eu não quero fazer, eu sei! Não quero consumir droga, não quero ser um parasita, não quero viver à custa de ninguém! Quero viver à minha custa e vou viver à minha custa! Vou mesmo!”*. No discurso do entrevistado, nota-se uma crescente auto-determinação e percepção do mundo envolvente. O próprio sujeito admite que esteve de certo modo ausente, agora é tempo de voltar à realidade e recuperar o tempo perdido.

#### Habitação/Vida sem-abrigo

Aqui, o sujeito descreve a casa de família, onde cresceu, o período em que fugiu de casa e os sítios por onde passou, a casa que alugou com o irmão e, mais tarde, a vida sem-abrigo nos jardins do Hospital de S. João. Por fim, é feita uma referência ao período actual, em que reside numa pensão, ajudado pela Segurança Social, através da participação no projecto ARRIMO.

Dos 5 aos 10 anos, fala da sua casa: *“Era uma casa muito pequenina. Tinha um patiozinho que dava entrada para a minha casa e para outras casas. Uma espécie de uma ilha. Depois tinha um quarto enorme... enorme, um quarto grandinho. Tinha a cama dos meus pais e tinha a nossa cama. Tinha a cozinha e tinha uma casa de banho. Não tinha mais nada. Não gostava mesmo de estar em casa. Eu não tinha o meu canto de privacidade. Por isso às tantas é que... gostava de ir para cima de uma árvore. Passava lá horas. Era o meu esconderijo, era. Estava lá no meio da árvore, via, as pessoas não me viam a mim, ouvia as pessoas. Conseguia ver... conseguia ver os casais de namorados... (risos) às vezes espiava e atirava massa consistente para fazer que era cocó dos pássaros.”* Aqui, o Xico volta a ser criança por breves

momentos. É com alguma nostalgia que fala dos tempos que passava no seu refúgio, uma árvore, o sítio escolhido para estar sozinho e observar sem ser observado.

Aos 12 anos, decide fugir de casa. Pedi-lhe que me contasse esse episódio. *“Quando me pirei de casa, comecei a fazer tudo o que queria... Estava farto de apanhar, estava sempre a levar no pelo... cansei-me e disse ao meu pai que havia de crescer e quando viesse que... nessa altura que a gente se falava. Foi numa noite, ele chegou a casa, e prontos... deu-me o jantar do costume. E... eu corria mais do que ele e disse-lhe: eu vou crescer e quando... e quando crescer eu venho ter contigo e hei-de te fazer o mesmo. Vou-te foder os cornos. E fugi... pela porta fora a correr. Fui para cima de uma árvore, para a minha cabana. Senti-me cobarde porque deixei lá ficar a minha mãe... Senti alívio, senti tristeza... (silêncio) Depois amanheceu. Fui para a feira... gamei fruta. Comecei a ficar com fome. Depois... fiz-me à estrada. Arranjei amigos pelo caminho”*. Mais uma vez, é feita uma referência aos maus-tratos e ao seu pai, como motivo para abandonar a casa. Por outro lado, transparecem sentimentos de tristeza e cobardia por deixar lá a sua mãe, também vítima de violência por parte do marido.

Perguntei-lhe onde passava a noite, ao que respondeu: *“Cheguei a passar numa garagem, cheguei a passar na feira, cheguei a passar em telhados, cheguei a passar nas bouças... bosques, em cima das árvores. Vivia na rua. Às vezes ia para casa da minha vizinha, mas era só quando precisava de roupa... Passava uma semana com a mesma roupa e nem lá punha os pés”*.

Aos 17 anos, o Xico alugou uma casa, juntamente com o irmão: *“Eu já estava numa de alugar uma casa mas tive problemas porque não era maior de idade e então eu e o meu irmão juntámo-nos, eu entrava com o dinheiro e ele entrava só com a idade sem ter que pagar nada e alugámos uma casa lá perto. Era uma casa pequena, tinha corredor, uma salinha, casa de banho e despensa. Era daquelas casas baixinhas, térreas, com divisões muito pequenas. Eram barracas de tijolo, por assim dizer. Foi a primeira casa que eu tive com água quente. Na casa da minha mãe tinha uma sanita cá fora, tinha que aquecer a água para tomar banho, aliás, eles tinham que aquecer a água, eu sempre tomei banho de água fria, nunca gostei de água quente. Tomei banho de água quente em pequenino porque não tinha opção de escolha e a minha mãe fazia-o. Quando tive opção de escolha, nem pensar!!! Não tive muitos miminhos, ou melhor até tive, foram foi poucos”*. Perguntei-lhe de seguida se gostava de estar em casa, se a sentia como o seu lar. *“Não, era só mesmo para dormir. Porque se eu não estivesse extremamente cansado era capaz de ir para o terraço ou o telhado da casa da minha mãe, e isto é triste, porque eu queria estar com ela mas não podia, por causa do meu pai. É um bocadinho esquisito, às vezes não me sei exprimir, dizer o que sinto. Ou melhor, tenho*

*dificuldade em dizer aquilo que sinto... É assim, o meu pai fez com que eu me separasse de tudo, daquela casa que tinha retrete cá fora e não tinha água quente... Mas no fundo era uma cama de casal, os meus irmãos e eu ao meio, com a cabeça do lado dos pés da cama". Perguntei-lhe ainda se achava que a sua vida ia ser diferente, se não tivesse saído de casa. "De certeza que não ia ser boa. Se me perguntasse se seria diferente se tivesse tido um pai, seria. Agora ter sido diferente se continuasse em casa, acho que ia ser mau na mesma, tinha havido certamente uma desgraça. Se tivesse tido pai, era diferente o meu futuro, certamente que era, claro". O sujeito, ao falar na sua segunda casa, compara-a à casa dos seus pais, fala novamente nas saudades que tem da mãe e na revolta que sente em relação ao pai, atribuindo-lhe responsabilidade por alguns acontecimentos da sua vida.*

Acerca da vida sem-abrigo, nos jardins do hospital, dos 28 aos 35 anos, refere: *"Deixei de comer, deixei de dormir, deixei de me lavar, de ter a minha higiene, deixei de conversar com as pessoas... Depois, quando dei entrada no hospital, comia só o essencial para me manter a pé e não desmaiar para ter que entrar outra vez dentro do hospital. Conversar não conversava com ninguém, não falava com ninguém. (Alguém lhe ofereceu ajuda?) Acho que sim, mesmo que não tenha sido aquela ajuda logo... Tentavam-me ajudar e eu bloqueava logo ali, punha logo aquele tipo de fronteira. Mesmo que a pessoa tivesse a intenção de ir mais longe e tentar ajudar, eu logo no primeiro contacto punha logo uma fronteira. Não havia vontade..."* Neste período, o sujeito chega a uma situação-limite de degradação física e psicológica, associada a uma fase intensa de consumos, à falta de condições mínimas de higiene e cuidados pessoais e, como o próprio o diz, à não aceitação de qualquer tipo de ajuda por parte dos outros.

Neste último ano, através da participação no programa de metadona e do encaminhamento para os serviços da rede efectuada pelos técnicos do projecto ARRIMO, o Xico teve a oportunidade de viver numa pensão. *"Agora, neste quarto, tenho uma cama enorme de casal, está bem mobilado, tenho o meu DVD, tenho a minha televisão, uma casa de banho privada... E estou porreiro"*.

### Comportamento Desviante

Para introduzir esta temática, comecei por perguntar ao Xico o que entendia por comportamento desviante, ao que ele respondeu: *"É o comportamento todo à margem da lei, não é? Tudo marginal... as asneiras que eu fazia, aquilo que eu fazia para me pirar a esta ou àquela situação, não é? Acho que sei mais ou menos o que quer dizer"*.

Entre os 10 e os 15 anos, diz-me: *“Era tudo o que eu fazia. Sei lá, além de fanar, de estragar aquilo que não era meu, acho que fazia tudo! Metíamos açúcar no depósito da gasolina dos professores, que é para o motor peidar, para o motor... ir ao pandeco! Mais... Acho que assaltei a feira mais de vinte vezes... A mercearia mais de vinte vezes. Nunca assaltei pessoas! Aliás, assaltei uma vez uma pessoa mas é num período muito mais à frente e voltei para trás para devolver... Nunca consegui levar um furto até ao fim, directamente às pessoas”*.

Dos 15 aos 20 anos, apontou no biograma que foi o início da actividade marginal e acrescentou que era correio de droga, fazia roubos e cobranças.

X (Xico)- *“Eu tinha uma necessidade de arranjar dinheiro para a minha vida e aí tinha uma boa maneira de fazer dinheiro facilmente, apenas arriscava a liberdade e eu comecei a pensar: bem, entre estar aqui e estar na cadeia, o mais que me pode acontecer é ter um azar e ficar uns anos de barriga para o ar na cadeia. Toda a gente parte com uma ideia: há-de correr bem, se não correr bem prontos! Íamos buscar a Badajoz enormes quantidades de droga, aos 5, aos 10 quilos de heroína. Para mim já era muito. Era pago para ir buscar a droga. Comprei uma arma porque fazia falta na minha actividade profissional, entre aspas”. No que diz respeito às cobranças, “de vez em quando havia uma dívida muito grande e a pessoa tinha forma de a pagar, mas ia ter que vender coisas, bens e nunca mais ia ser quem era. E então era assim: ao pedir fiado, as pessoas fiam com garantias. Eu não ia cobrar, eu ia ajudar a cobrar, eu nunca conversei. Um era relações públicas e também era cobrador e iam mais dois cobradores.*

I (investigadora)- *E alguma vez correu mal?*

X - *Correu, quando fui despedido. Não tive coragem de fazer uma coisa a um indivíduo, pronto.*

I - *Quer falar sobre isso?*

X - *Não... Ou melhor, até falo. Eu vim para aqui foi para falar e falo na boa. Era um senhor muito conhecido nesse meio, era um gajo que foi sempre um sortudo com mulheres, era um engatatão. Elas achavam-no bonito. Ele era um toxicodependente que só faltava mesmo comer droga às colheres. Eu e mais um colega fomos ter com ele cobrar uma dívida. Ele chorou e esperneou e se se desfizesse das suas coisas perdia a guarda da filha, que ainda era pequena e depois tinha que lhe dar uma pensão... E isso ele não queria. Eu e o meu colega não tivemos coragem de lhe fazer mal, ele disse que não podia pagar e era suposto a gente provocar lá umas despesas para lhe dar medo e em último recurso metê-lo na mala do carro. Não fizemos nem uma coisa nem outra. E eu ainda lhe dei 10 contos e o meu colega deu-lhe 100 contos, que*

*era o dinheiro que tínhamos. Ele ainda ficou com algum dinheiro para dar a um futuro cobrador que aparecesse. Fomos os dois despedidos.*

*I – Quais eram as ordens que tinham para o caso de alguém não querer pagar alguma dívida?*

*X – Era magoá-lo. Matá-lo não, senão não recebíamos o dinheiro. Era fazê-los sofrer e amedrontá-los. Primeiro dávamos cabo dele, magoávamo-lo e depois era intimidá-lo com a coisa de que ele mais gostasse, neste caso era a filha. E eu não tive coragem para essas coisas.*

*I – Falta ainda falar dos roubos...*

*X – Ok, fizemos uns assaltos à mão armada... (risos) Já fiz tanta coisa... É um bocadinho de vergonha porque eu não sou assim. Não me identifico com as coisas que fiz. (começa a chorar) No fundo eu tenho muita vergonha porque estou a falar de coisas erradas que fiz. Eu no fundo estou a lidar com problemas que criei e estou a tentar ser aquilo que eu era e nunca fui, ou melhor, estou a tentar ser conforme eu era na realidade e nunca me comportei... Eu tive comportamentos que não faziam parte de mim. Eu não era assim, só que a necessidade fez-me fazer uma coisa e depois essa coisa fez-me fazer outra e outra e outra. Quer dizer, o comportamento que eu tinha agora era uma espécie de seguimento dos comportamentos anteriores. Eu sinto vergonha porque lhe estou a contar tanta coisa que fiz e não vejo uma única coisa boa.*

*I – Quando é que ocorriam os comportamentos desviantes, quando estava sob o efeito da droga ou quando estava a ressacar?*

*X – Nesta altura eu não fazia comportamentos desviantes para o vício. Eu acordava, eu drogava-me, deitava-me, estava drogado e acordava ainda drogado. Nesta altura eu fazia assaltos mas não precisava de dinheiro. Eu tinha muito dinheiro e os comportamentos desviantes eram mesmo tipo Bonnie and Clyde, era mesmo só pelo gozo e aventura. Não dava prazer, só amedrontava. Mas não havia nada para fazer e... não sei explicar.*

*I – E fazia-o pela aventura, pelo perigo, pela vontade de correr riscos?*

*X – Não, era mais pela imaturidade, mas era assustador. Aventura, eu não estou a ver a aventura. A aventura para mim agora é mais subir os Himalaias, sei lá. Por acaso não falámos ainda nisso, mas a vontade correr riscos... Isso, sim, muitas vezes. Tive que abalroar carros da polícia, estourar com as rodas aos carros da polícia... No fundo tive um bocado de sorte, fintava os polícias e não cheguei a ter intervenções judiciais”.*

Neste excerto, o sujeito fala acerca das suas actividades de carácter delinvente. Por vezes parece sentir orgulho no que fez, como se fosse algo de heróico, mas logo de seguida

lamentar-se, dando como razões para tal comportamento o gozo, a aventura e o prazer de correr riscos.

Dos 20 aos 25 anos, refere que “Assaltava bombas de gasolina. Assaltei três bancos, sete ou oito postos de correio e algumas farmácias”.

### Gestão dos Consumos

Dos 10 aos 15 anos, as perguntas são direccionadas para as drogas de iniciação e o contexto em que foram consumidas.

X - “O meu primeiro charro. O primeiro charro foi uma desilusão. Estava à espera de apanhar uma grande pedrada e não senti nada. Foi também com os amigos, embora os amigos já não fossem os mesmos dos cigarros. Chamaram-me careta, que eu não queria fumar aquilo e tal...”

I – Sentiu algum tipo de pressão para fumar?

X – Claro! Eu e os outros. Todos aqueles que iam fumar pela primeira vez... Fomos pressionados.

I – E porque é que aceitou?

X – Para não ser careta! (risos) Eu nunca consumi por minha livre e espontânea vontade a cem por cento. Disponibilizei-me mas só depois daquilo... “Caretas!”

I – Foi para te integrares no grupo?

X – Não foi para me integrar, foi mais para ele não me excluíssem do grupo. Primeiro chamavam-me careta, depois diziam que eu não fumava para depois os ir acusar. Era um bocadinho ridículo mas começou realmente assim. E depois acabei por... “pronto, está bem, eu fumo!”

O consumo foi iniciado por aprendizagem social, no seio do grupo de pares. De facto, a pressão sentida pelo indivíduo pode levar à experimentação da droga, de modo a não se sentir excluído do grupo.

Acerca da frequência com que consumia haxixe, o Xico refere: “Depois do jantar fumávamos... A frequência era sempre que nos encontrávamos. Fazia parte do quotidiano, a gente jantava, ia tomar um café e ia comprar o haxixe, a ganza. Íamos a pé comprá-lo e já vínhamos a rir-nos, a comer amendoins e a beber Cana Drydry, a dar arrotos e a fazer bolinhas”.

De seguida, questionei-o acerca do álcool. Diz-me: “Eu não gosto do álcool. É amargo, não tenho prazer nenhum a bebê-lo e acho que não tiro prazer nenhum com a sensação que

*uma pessoa tem quando está já alcoólica. Só faz asneiras, parte para o ridículo. E às tantas, nunca tinha pensado nisso, mas não gosto do que o álcool faz ao ser humano. Eu também já não gostava do que ele fazia ao meu pai!”* Aqui, vemos como o Xico afirma não gostar de álcool, talvez porque sempre conviveu com o alcoolismo do pai, que se revelou disruptivo e traumático.

O sujeito refere que o “estádio” dos 15 aos 20 anos *“foi uma espécie de iniciação em vários temas, como a família, houve uma mudança radical, foi o princípio dos consumos, foi o princípio dos... o princípio relevante dos comportamentos desviantes... Foi aí que eu comecei a delinquir. Foi um período que houve mudanças radicais, coisas que me marcaram”*.

Uma das perguntas referia-se à reacção dos familiares ao saberem dos consumos. O Xico explica: *“É assim, a minha família nunca soube, porque a mim só me pode dizer que eu era drogado quem fosse. Eu nunca consumi drogas na presença de ninguém que não as consumisse. A minha mãe soube quando eu não pude mais negá-lo, de facto. Eu assumi-o, a ela, pouco tempo antes de ela falecer. Acho que foi mais ou menos há dez anos. Foi a meio do percurso que eu assumi perante ela que consumia, porque as coisas começaram a evidenciar-se, a perda de peso, o olhar encovado, quer se dizer, ter dinheiro mas a falta de descanso, uma pessoa tem tiques... Foi numa altura de desespero que eu me abri com a minha mãe, porque eu sempre escondi as coisas. A minha mãe reagiu com tristeza. “Eu sabia, eu já sabia isso há muito tempo...”. Sentiu-se triste, foi. Foi aí que eu assumi que me perdi a meio do percurso. Eu iniciei um percurso com um objectivo e a meio do percurso esqueci-me porque é que eu iniciei esse percurso. O meu objectivo era conseguir proporcionar alegria à minha mãe, um bocadinho de estabilidade. Ela poder ter tempo para ter paz...”* Mais uma vez, o tema da família assume primordial importância. O sujeito culpabiliza-se por não ter conseguido ajudar a mãe a fugir à violência doméstica.

Acerca da passagem do haxixe para a heroína e cocaína, o Xico refere que: *“Foi por etapas, quer dizer, houve uma altura em que houve uma grande falha de haxixe, há 20 anos atrás. Aquilo que nós na gíria chamamos um finex custava, sei lá, o equivalente a 100 escudos, 50 escudos... Chegou a custar mil escudos e isso era se conseguíssemos arranjar e a cocaína e a heroína ficou muito mais acessível, mais barato. Senti-me viciado só quando houve essa tal falha. E a falha do haxixe fez com que eu experimentasse outras drogas. Senti um certo vazio, senti. Houve uma grande falha porque nesse houve uma quantidade enorme de apreensões. Havia um vazio, senti uma necessidade de preencher alguma coisa. Não é que tivéssemos combinado alguma coisa no grupo, só que depois falou-se em cocaína e aí eu voltei-me a sentir retraído e foi mais ou menos do género do que aconteceu com o haxixe. Lembro-me*

*exactamente desse dia. Estávamos numa casa velha, em ruínas e nós estávamos em cima do muro e só havia um charro e nós éramos seis. Deu umas passas a cada um e então houve um que decidiu abrir um saco de 500 gramas de cocaína, porque... havia muita droga, heroína e cocaína, só que nós não lhe tocávamos. E foi um colega meu que já faleceu (aliás, todos os meus colegas faleceram), e esse meu colega, que faleceu há pouco tempo por homicídio, decidiu snifar. Todos snifaram e ofereceram-me, mas eu não queria e eles novamente voltaram a usar a mesma arma. Eu senti-me um bocado pressionado, eles estavam a usar a mesma fórmula precisamente que usaram em relação ao haxixe para eu consumir. E atiraram-me com isso. Não é que fosse culpa deles, foi culpa minha. A pressão dos meus amigos ajudou a que eu consumisse, mas eu é que estava um bocado chateado, também não tenho que andar aqui a agradar a ninguém... Vamos lá ver o que é isto. Sangrei muito pelas narinas, na altura não se encontrava droga com grande pureza. Sangrei bastante, fiquei com um gosto esquisito na garganta, vinha o gosto da cocaína à boca. Sentia uma espécie de estalozinho nos ouvidos e depois começava piiiiiiiiii... a chiar por todos os lados, começava a sentir o meu coração, parecia um cavalo: panpan, panpan, panpan... Começava a alterar a respiração, os olhos começavam a arregalar e eu tinha vontade de fazer qualquer coisa, começava a subir a adrenalina. Havia uma aceleração cardíaca enorme que é um bocado indescritível".* Neste excerto, o sujeito considera que a falha de haxixe, em termos de mercado, o levou ao consumo de outras substâncias, mais acessíveis. De facto, a disponibilidade de determinada substância psicoactiva no meio e o seu baixo custo são factores de risco que podem actuar como facilitadores do consumo. Os primeiros consumos de cocaína ocorreram igualmente por pressão do grupo de pares, como forma de adquirir a aceitação no grupo, ou a não exclusão do grupo de pares. Questionei-o ainda acerca do consumo fumado: *"É assim, fumar foi um bocadinho depois, porque para fumar já se tinha que aprender a fazer a base. Hoje em dia compram-se bases feitas, na altura não se compravam e tinha que se saber fazer aquela reacção... Juntar o bicarbonato, cozer a cocaína, para ficar em pedra e poder dar para fumar. Fumar ainda era mais agradável, não andávamos com as narinas empoladas, não andávamos com aquele mau gosto na garganta e era agradável fumar. Quando aprendemos a fumar deixámos de snifar".* Como referem Clinard & Meier (2008), as pessoas aprendem como administrar as drogas, e mais tarde aprendem a reconhecer os seus efeitos.

De acordo com o Xico, aos 16 anos experimentou também heroína, com o mesmo grupo de amigos, referindo que se sentiu ainda mais pressionado: *"Aí sim, aí fui mesmo pressionado porque começamos a querer saber o porquê das coisas, os sintomas, os efeitos, as coisas que acontecem com drogas duras. E então todos nós estávamos prevenidos de que a heroína dava*



*uma dependência física e eu senti um bocadinho de receio de tocar na heroína. Um bocadinho não, um enorme receio, senti pavor. Experimentei foi mesmo para não os aturar, fumei e pronto, assim já não me pressionavam nem acusavam. As primeiras vezes que eles consumiram eu dei só uma passa e disse-lhes: pronto, vêem, já fumei. Não gostei, aliás fiquei decepcionado, toda a droga nos primeiros dias me decepcionou. Mas quando consumíamos cocaína, a heroína acabou por ser benéfica, porque estávamos a curtir toda a tarde e chegava a hora em que tinha de fazer alguma coisa e tinha que acalmar e a heroína corta o efeito à cocaína. A droga sempre foi muito acessível. Eu tinha droga, os meus colegas tinham droga, todos nós tínhamos dinheiro mas nunca foi preciso gastar dinheiro para consumir droga. E como não havia carência de droga nunca sentimos na pele a ressaca. Os consumos eram tão habituais que eu não sabia o que era a ressaca, consumia todos os dias e nem sabia que existia uma ressaca. Eu nunca deixei vir a ressaca!”* Durante os primeiros consumos, a heroína foi consumida por via fumada. Só passado um tempo é que o Xico começou a utilizar a via endovenosa. Assim descreve a primeira vez que “picou”: *“Foi só com uma pessoa, já não foi com o mesmo grupo. Foi diferente. Eu estava com o X, um indivíduo que foi preso por triplo homicídio, havia pouca droga e a que havia estava selada e podia haver problemas se tocasse. E então eu dei-lhe dinheiro, só que em vez de fazer as coisas de forma a ele injectar e eu fumar, ele pôs logo tudo na colher e comprou duas seringas, foi uma falha de comunicação, ele pensou que eu queria picar. E eu piquei, pronto. Foi aí que eu conheci a ressaca e era assustador. Nós andávamos a consumir grandes quantidades e nem tínhamos consciência do dinheiro que era preciso para suportar isso, se tivéssemos que o gastar. E eu estava a consumir, sei lá, 10, 15, 20 gramas às vezes. Estávamos uma semana metidos num quarto a consumir: pumba, pumba, pumba, pumba!!! E não sabíamos fazer mais nada. Foi nesse dia que eu tive medo de sofrer a ressaca, tive pavor”*. Aponta como razão ou motivo para “picar” *“...a dependência, sem sombra de dúvida. Estava a ressacar, mas tive que ganhar coragem porque a ressaca a mim apavorava-me. Foi das primeiras vezes que senti uma ressaca forte e assustava-me, estava com os olhos encovados, parecia um cadáver, sempre a suar, o suor escorria-me pela cara abaixo gelado... E os lábios roxos, tudo o que é vermelho estava roxo, e a pele branca, pálida e com suores assim esquisitos... Uma coisa assustadora, mesmo. Eu ali estava a lidar pela primeira vez com a dependência e isso assustou-me mesmo”*.

Este episódio foi isolado. Durante os tempos que se seguiram, até aos 19 anos, o sujeito consumia heroína e cocaína diariamente, pela via fumada. Aos 19 anos, voluntariou-se para uma tropa especial, para ser fuzileiro naval e parou os consumos. *“Curei a ressaca a pôr-me a pé às 6 da manhã, fazia uns quilómetros a correr e desmaiava pelo caminho e tudo... Tinha*

*quebras de tensão e o caraças... Eu queria mesmo ser fuzileiro naval, por isso deixei a droga sem qualquer tipo de desintoxicação com medicamentos, foi mesmo a frio. Estava consciente antes de me candidatar que tinha de deixar a droga”.*

Durante o período em que esteve preso, os consumos não foram significativos, apenas “*uma ou duas vezes*”. Pouco depois de sair em liberdade, a sua mãe faleceu, e foi a partir daí que começou a viver nos jardins do hospital e a injectar. “*Consumia sozinho, às vezes consumia no bairro. Se tivesse a ressaca não ia ter que voltar para trás... Depois consumia o resto pelo caminho, e depois para finalizar consumia lá (no hospital). Aos 30, andava por aí... Andava a consumir! E estava no hospital... É assim, dormia no... Foi uma adaptação à fase sem-abrigo, estava no hospital de S. João, estava-me a habituar a dormir ao relento. A vida era a mesma, a toxicodependência, mas sustentava o vício de uma maneira diferente, isto é, fazia recados, arrumava carros e por vezes mendigava, para sobreviver*”.

Acerca do seu dia a dia, o Xico conta que: “*Estava no hospital a dormir, acordava e ia até às consultas externas fazer as traseiras... Muitas pessoas passavam lá o dia e deixavam-me dinheiro para meter nos parquímetros, porque só dava para pagar no máximo duas horas. Depois vinha a polícia, entravam às 8h e eu dava de frosques e ia só lá mesmo para meter o dinheiro para as pessoas não serem autuadas. Eu vinha ao bairro, consumia e depois ia para meter a moeda. Depois fazia uns recaditos e o carago, depois era gerir. Eu acordava, fazia-me à vida e depois de três ou quatro ou cinco consumos da parte da manhã arranjava maneira de comer e depois mais cinco, ou seis, ou sete, ou oito consumos da parte da tarde e depois mais meia dúzia. Depois de o sol se pôr eu tinha que guardar um ou dois consumos para meio da noite, no mínimo. Já não fazia oito horas de sono sem ser interrompido pela ressaca. Adormecia e ao fim de três horas tinha que meter alguma coisa porque senão não dormia mais. Começava a sentir a ressaca ao fim de duas, três horas. Ao fim de oito horas estava em vómitos, já não conseguia falar com as pessoas sem ter um vómito, sem ter um espasmo”.* Aqui se nota o modo como a vida do sujeito gira em torno das drogas. Os dias são todos iguais, há uma rotina diária que é necessária à sobrevivência: arranjar dinheiro para a dose, consumir, arranjar mais dinheiro para consumir mais e evitar a ressaca a todo o custo. Ao longo desta fase mais intensa de consumos, o Xico diz que: “*estava perdido, à procura de um sentido para viver, de um porquê e de um para quê viver. Eu não sentia nada, não queria saber*”.

Recentemente, o sujeito entrou para o programa de substituição com metadona. Diz não consumir desde o dia em que começou o programa, 3 de Novembro de 2007. Em Maio de 2008, altura em que foram realizadas as últimas entrevistas, diz-me: “*Eu acho que estou a ridicularizar um bocado os vícios, todos eles: o café, a nicotina, até a própria metadona já*

*chega a um ponto... As pessoas não sabem o que são vícios! Basta um bocadinho de força de vontade, de determinação, nem é força de vontade, para largar tudo e todas estas porcarias! Eu meti-me com a rainha de todos os vícios! Isso sim é um vício! E venci por causa do apoio que tive, dos meus amigos. Esse apoio dá para vencer até a rainha dos vícios! Claro que há momentos de desespero, de angústia, numa situação em que não existe estrutura, em que uma pessoa não tem nada a que se agarrar! Eu não tinha nada a que me agarrar! Eu não tinha família e não tenho. Eu estava debaixo de uma árvore, não tinha nada! Eu sei precisamente aquilo que quero fazer e tenho capacidade para fazer tudo aquilo que quero fazer, só não o quero fazer é sozinho”.*

Perguntei-lhe acerca dos motivos que o levaram a deixar de consumir e procurar tratamento: *“Espontaneamente, não estou a ver qual seja o motivo. Se pensar nele, talvez foi porque sentia-me mal comigo mesmo, porque adorava ter feito isso enquanto a minha mãe estava viva, porque olhava para o lado e via pessoas da minha idade com filhos, com crianças que se sentiam amadas, que davam amor, aquelas pieguices todas! E eu senti-me um bocadinho piegas, queria ter um bocadinho disso, também, que nunca tive! Acho que fiz um percurso bastante positivo. Supostamente a função de um programa para toxicodependentes é deixar as drogas. E passaram seis meses e onze dias e eu estou cem por cento abstinente”.* É notório que o sujeito sente um grande orgulho por ter deixado os consumos. Está mais confiante em si mesmo, apesar de ainda ser evidente no seu discurso a falta de apoio e afecto, nomeadamente por parte da família.

*Categoria “Dispositivos informais de socialização”*

### Família

As primeiras questões acerca da família demonstram claramente o que sentia em relação ao seu pai. Conforme diz, *“Eu as memórias que tenho quando era pequeno era apenas de o meu pai ser violento. O meu pai... nunca foi meu pai. Vamos usar essa treta. Foi o meu pai biológico, nunca foi meu pai. Era uma pessoa má, arrogante. Era uma pessoa doentia... (silêncio) Era um borrachão, um alcoólico. Eu sentia tristeza. Mágoa, por ele não s... não ser um pai normal. Em algumas alturas, em algumas alturas o ódio. Tinha ódio... tinha-lhe ódio, mesmo. Quando levava no pelo. Mas à medida que as feridas iam sarando, começava a ter só*

*mágoa, tristeza. Porque é que ele não é normal, porque é que ele não é como os outros... Só que depois lá vinha mais uma carga de lenha e eu ganhava-lhe outra vez ódio”.*

Relativamente aos outros elementos da família, refere que: *“Se tiver algum sentimento por alguém certamente é pela minha mãe e pelo meu irmão, que eu adorava... A minha mãe. Era uma pessoa carinhosa, compreensiva, meiga, terna... Sei lá. Tudo o que for de bom ela tinha. Era um espectáculo de mulher. Era muito boa mãe. Protectora, tudo, sei lá. Os meus irmãos... Dava-me melhor com o mais velho. Alinhava comigo em todas... É. Gostava de fazer asneiras comigo e então quando estávamos no grupo de amigos eu nunca tinha direito a voto. E ele dizia: Na... Toda a gente tem direito a voto. Agora é a vez de ele escolher, vamos fazer o que ele quer. E eu se desse uma ideia para fazer asneiras, a minha ideia também contava, quando ele estava por perto. Era um democrata (ri-se). Era um bom irmão. O outro era um conas. Comia, levava no pelo, e depois dizia: às tantas é porque nós merecemos... Era burro. Ele era burro, nessa idade. Agora penso que talvez ele era uma criança assustada... Agora penso nessas situações. Podia ter medo, estava apavorado e era a maneira de ele se tentar defender”.*

O sujeito sublinha que desde que se lembra do pai, os maus-tratos existiram sempre. A mãe tentava proteger os filhos dessa situação: *“A minha mãe normalmente cobria-nos, dava o corpo como escudo... E amparava as pancadas com o corpo dela”.*

Dos 5 aos 10 anos, os maus-tratos continuam: *“Lembro-me de levar porrada, de levar na cara, do meu pai. É a única coisa que me vem assim à ideia de repente. Lembro-me da minha mãe me defender a mim e aos meus irmãos... Detestava levar no corpo e o meu pai estar-me sempre a cascar. E de detestar que a minha mãe levasse no corpo... e também estar sempre a levar. É as únicas coisas que me lembro. É mais ou menos isso. Foi as coisas que me perturbaram mais”.*

Apesar do tema ser perturbador, o Xico não se inibe de falar do pai, dos problemas de alcoolismo que tinha e conta mesmo alguns episódios que aconteceram em casa. *“Era o meu pai andar sempre embriagado... dei muita importância a isso... e bater-nos... tudo servia de pretexto para bater na mulher e nos filhos... (silêncio) E pronto, é mais ou menos isso. O que é que eu hei-de dizer? Não gostava de levar no pelo, não gostava que ele me batesse, não gostava de ver a minha mãe a servir de escudo... e é que se ainda ao menos houvesse motivos, custava mais por não haver motivos. Ele arranjava os pretextos e os motivos”.* (fica nervoso e agitado ao falar no pai).

O receio face à chegada do pai era sentido por todos os elementos da família: *“Ele ia partir a louça toda, ia destruir tudo, ia-nos espancar. É, chegava às 9 e meia, 10 horas,*

*começava a haver um silêncio lá em casa, que começava a torturar as pessoas. Quem é que hoje vai ser a vítima? Começávamos a olhar uns para os outros”.*

Um dos episódios de maus-tratos é contado pelo sujeito três vezes ao longo da sua história de vida: *“Lembro-me uma vez de estar a ser obrigado a comer contra a vontade, era pequenino, dei um arrotto à mesa e fiquei com a mão cravada na mesa com o garfo (silêncio). O meu pai enfiou-me o garfo na mão e pregou-me a mão à mesa, com o garfo (estende a mão e faz o gesto do garfo a ser cravado na sua mão). Era mesmo animal, era mesmo mau...”* (sem falar, faz-me sinal para não falar mais deste assunto e passar a outra pergunta)

Quando lhe perguntei como reagia, o Xico diz que: *“Dava ideias para fugirmos, para fugir, sempre para fugir, porque eu não tinha coragem de enfrentá-lo. Ele era um homem corpulento e eu era uma criança indefesa e não tinha coragem para enfrentar uma coisa assim daquele tamanho”.*

Considera que tem uma família diferente, que não é normal: *“Às vezes ia mais cedo para a escola. Via os pais a levar os filhos e tal e o meu pai nunca... o meu pai... nunca quis saber. A mim incomodou-me sempre... o facto de o meu pai não ser... não... (suspira e baixa a cabeça) não fazer de nós uma família normal. Não nos tratar como um pai, prontos... A minha família é uma família diferente. Nunca me cantaram os parabéns.”*

No período seguinte, dos 10 aos 15 anos, os maus-tratos agravaram-se, o que contribuiu para ter saído de casa e ter perdido o contacto com a família. *“Os maus-tratos começaram a ser insuportáveis. Tenho marcas nas costas. O meu pai partia aquelas árvores de eucalipto novas, partia os ramos, ficava aquelas pontinhas... no tronco, ficava aquelas pontinhas dos galhos partidos... e ele ao bater-me isso cravava-me nas costas e ele tinha que puxar o pau para descravar aquilo das costas. Tenho cicatrizes no corpo. Foi... levei muita porradinha, prontos...”*

Desde que saiu de casa, *“Era raro ver a minha mãe. Cheguei a falar duas ou três vezes com ela. Em dois ou três anos! Eu tinha mesmo muito pavor de ir a casa, porque o meu pai... E se... E já nem era por mim. Chegou a uma altura que já não era muito por mim. Porque se o meu pai sonhasse que a minha mãe me ajudava, desgraçada dela!”*

Dos 10 aos 15 anos, o que mais o marcou foi afastar-se da mãe, quando fugiu de casa: *“Porque eu pirei-me, só que ela ficou lá. E ele ficou a tratá-la mal. Eu safava-me. Sempre me safei, de uma maneira ou de outra”.* Nota-se uma preocupação com o estado da mãe, que continuou a sofrer de violência, e ainda uma relação muito próxima entre mãe e filho. *“Tentava ver a minha mãe sempre que podia demonstrar que estava bem, isto é, sempre que tinha algum dinheiro tentava mostrar-me à minha mãe, porque a minha mãe não era preciso ver-me a*

*carteira para saber se eu tinha dinheiro. A minha mãe conhecia-me. Se eu estivesse teso... (desculpa, eu estou a tentar largar a gíria...) Se eu estivesse sem dinheiro, não estava bem. Havia alguma coisa porque eu precisava de dinheiro para a minha subsistência e então eu não aparecia à minha mãe nessas alturas porque existia uma coisa qualquer que me preocupava e a minha mãe apanhava isso, não precisava de ver se eu tinha ou não o dinheiro. Olhava para mim e via que alguma coisa me estava a preocupar. E então eu sabia que ela ia ficar preocupada por mim. Nessas alturas eu não aparecia. Sempre que tinha um bocadinho de disponibilidade e estava orientado por algum tempo eu aparecia, e a minha mãe sentia, pela minha maneira de falar, sentia-me mais leve, despreocupado. E então ela: “Então filho, está tudo bem?”, “Está, mãezinha!” Sei lá! Tentava mostrar só alegria, que nada me preocupava, que estava tudo bem comigo. E passava a estar, se eu conseguisse transmitir essa mensagem para ela, porque ela ficava tranquila”.*

O irmão mais velho, face aos maus-tratos e ao mau ambiente em casa, decidiu ir viver com o Xico. “Aí foi quando eu soube que ele consumia, não sei se era heroína. Naquela altura foi Roypnol, pelo menos. Isso eu tenho a certeza, porque foi quando ele se virou ao meu pai... houve violência”.

De seguida, perguntei ao Xico se a sua história de vida, o ambiente familiar em casa, pode ter tido influência nos consumos. Respondeu-me que: “Não vejo as coisas por esse lado. Foi mais aquilo de que eu falei, os meus colegas estavam com medo que eu usasse aquilo como arma, para fazer queixinhas, ainda éramos um bocado crianças... Claro que se eu tivesse tido um bom pai não teria andado tanto tempo com aqueles amigos. O meu futuro ia ser diferente se tivesse um bom pai. Um pai... sei lá, que me cantasse os parabéns, uma pessoa que me desse carinho, que se preocupasse se eu faltasse às aulas... Eu nunca tive isso. Tive a mãe... Mas deixei de ter passado muito pouco tempo, comecei a vê-la ao longe e muitas vezes tinha que lhe atirar um beijo porque o meu pai podia estar a chegar... E é doloroso eu querer dar um beijinho à minha mãe e não poder. Foi muito doloroso, ter que começar a deixar recados às escondidas como as crianças que namoram... Ter que dizer: olha, entrega isto à minha mãe, a dizer beijinhos, gosto muito de ti...” (chora).

Dos 25 aos 30, contou-me o episódio do dia em que a mãe deu entrada no hospital e, passados sete meses em coma, faleceu: “A minha mãe morreu, deixei de fazer tudo. Eu tinha estado com ela, levei-lhe um coco, que ela gostava muito de cocos, e ela disse: depois de manhã passo lá, na minha casa que era lá perto. E eu acordei, olhei para o lado, não estava lá o pequeno-almoço, não estava lá nenhum recado, estranhei um bocadito mas pensei: é porque ela teve alguma coisa que fazer. É assim, eu quando soube que a minha mãe... Eu desconfiei

*que se passava alguma coisa, porque a minha mãe tinha sempre que dizer alguma coisa. Ao longo da minha vida a minha mãe nunca desaparecia sem... Deixava um recado, uma mensagem, deixava sempre alguma coisa. E naquele dia não havia um recado e o atraso começou a ser muito. Chegou um colega meu a minha casa, até vinha a falar ao telemóvel e eu tirei-lhe o telemóvel da mão e disse assim: Liga dessa merda para o hospital! E ele: o que é que se passa? Ele ligou e eu: era para saber se deu entrada aí alguma senhora com o nome de (...) e eu estava à espera de um não, claro, não é? Disseram: entrou, sim. Está na UCI. E eu pus-me a pensar... UCI, unidade de cuidados intensivos, só pode ser isso. Eu voltei a pedir para ligarem para o hospital, a perguntar o que é que queria dizer unidade de cuidados intensivos, porque não queria que fosse aquilo, mas era. E então eu fui para o hospital. Esperei um dia, dois dias, uma semana, duas semanas, um mês, dois meses, três meses, cinco meses, seis meses, quase a chegar a sete meses... Ela faleceu, esteve sempre em coma. E nessa altura eu já não sabia mais por onde é que havia de viver, porque eu vivi no hospital desde o primeiro dia em que ela lá esteve. E depois deixei de comer, estive 28 dias sem comer e desmaiei, perdi os sentidos. Acordei dentro do hospital, porque deixei de tomar banho, deixei de me alimentar..."*

Foi a partir deste acontecimento perturbador que o Xico iniciou a vida sem-abrigo nos jardins do hospital, foi como que uma desistência perante a vida. Foi aí que recomeçou os consumos, que se agravaram, a par do seu estado de saúde física e psicológica. *"Eu não senti nada, foi uma ausência de sentimentos, um vazio. Eu fiquei enregelado e... Vivía até há bem pouco tempo atrás sem ter frio, sem ter fome... Deixei de sentir. Abstive-me dos sentimentos, sentimentos, não sei..."*

Agora que está abstinente, pergunto-lhe se pensa constituir família e se acha que daria um bom pai. Responde que *"Não é preciso me esforçar muito para ser um bom pai. Dava um ótimo pai, porque eu sei o que é que uma criança sente falta. A um filho meu ia dar tudo aquilo que eu não tive. Uma coisa que peço a Deus é nunca me descontrolar à frente de um filho meu e dizer um palavrão, berrar com a minha esposa ou com a minha namorada, independentemente de estar casado ou não. São coisas que eu estou muito ciente delas e... Há coisas que marcam muito uma criança, por muito insignificantes que possam ser!"* Aqui, vê-se novamente a importância que o Xico confere aos acontecimentos marcantes e perturbadores da sua infância.

Confrontei-o com o facto de, durante as entrevistas, a família ter sido um dos temas mais abordados... *"Claro, foi uma coisa que me marcou! Há alguma coisa mais importante que a família? Há gente que não dá a devida importância porque tem uma família entre aspas, com*

*aspas e muitas aspás, mais ou menos normal. Que o pai e mãe se lembrem do aniversário do filho e cantem os parabéns, que façam uma árvore de Natal, que sabem dar o carinho a uma criança... Sei lá, as coisas normais, as coisas banais... Eu não me lembro de nada! A única coisa que me lembro é de levar nos olhos e ver o meu pai bater na minha mãe e bater-nos a nós.”*

### Amigos

Acerca da relação com os amigos e de como ocupavam o tempo juntos, dos 5 aos 10 anos, o Xico diz que: *“Eles alinhavam mais ou menos fazer as mesmas asneiras que eu... e ia tarde para casa. E depois comecei a pensar: bem, se vou levar no corpo, tanto vale ir cedo e portar-me bem como portar-me mal... e comecei a optar por me portar mal e divertir-me. Pronto... com os meus amigos dei-me bem. Embora andasse muito poucas vezes com eles. Era mais aos fins-de-semana”. Apesar do que diz, o sentimento de solidão é verbalizado: “É assim: se eu não estivesse com o meu colega de carteira, ou com o meu... com o meu amigo, o mais meu amigo, o vizinho com que me dava melhor, com que falava mais um bocadinho, que eu dava-me bem era com o meu irmão mais velho, mesmo... então eu não tinha ninguém”.*

No período que se seguiu, quando abandonou a casa, o seu grupo de amigos alterou-se: *“Eram os meus... os meus principais rivais, os meus principais inimigos. Só que eu estava fora de casa, e eles aceitaram-me bem. E então eles contaram-me como é que se faziam à vida, como é que faziam as asneiras deles. Eu deixei de fazer as asneiras com o meu grupo, porque não podia estar na minha terra, porque certamente ia ser procurado... e fui fazer asneiras com os meus inimigos, que eram os da seita da freguesia ao lado. Às vezes a gente encontrava-se para se defrontar à pedrada... coisas assim de criança, prontos... Depois fui aprender a fazer asneiras com eles”.*

As “asneiras”, como lhes chama, eram feitas com o seu grupo de amigos: *“Só fazíamos mesmo asneiras. Assaltar a feira... Roubávamos o “Sonasol”, para nos besuntarmos todos, a servir de bisnaga... Sei lá... Tanta coisa! Íamos roubar fruta, só se o totó do homem andasse no campo, para correr atrás de nós, porque senão não tinha piada! Não tem piada uma pessoa roubar um carro se não estiver lá o dono! Tínhamos que mostrar coragem ao amigo do lado. “Ai, tás maluco? Tá ali o homem do campo!”, “Oh, és mesmo conas”, e tal... Eu tinha que mostrar... mais ou menos tipo provar que tinha coragem à frente do colega do lado, que era para ele desanuviar... Éramos bastantes! Mais de quinze. Era mesmo... atacávamos tipo um*



*grupo de piranhas! Era. Tudo gente pobre, tudo gente de família... famílias humildes. No fundo funciona como um mini-gang. É mais ou menos assim. As pessoas começam-se a respeitar. Quanto aos colegas da escola, os que por exemplo lhe chamavam os meninos da mamã, começaram a ter-me medo e eu ficava todo contente. Para mim isso era um grande orgulho, era motivo de orgulho. Não sei porquê mas era”. É interessante como o próprio sujeito fala em “nós”, segregando o seu grupo dos “outros”, e considerando-o um “mini-gang”, com regras e valores próprios.*

*Dos 15 aos 20 anos, houve uma mudança relativamente aos sítios que frequentavam. “É assim, passei a ter idade para entrar nas discotecas. Comecei a frequentar, a ouvir música, a dançar e fiz lá uns amigos. Foi aí a mudança radical, comecei a frequentar outros sítios. Na altura as discotecas era o último grito. Dava-me bem com eles, eles faziam-me rir, eu fazia rir a eles, eu dava o corpo por eles, dava a cara por eles, eles davam por mim... Éramos amigos. Eu sentia-me um bocadinho pressionado porque eles davam-se bem comigo e tudo, só que quando metia raparigas pelo meio eles tornavam-se diferentes comigo. As amigas eram muito poucas, só que eram as mais cobiçadas entre eles e entre mim, claro, que eu também tinha olhos. E então só pelo facto de eu despertar a atenção delas ou elas rirem-se com uma piada minha eles ficavam beijudos”.*

*Mais tarde, na fase de consumos mais intensa, diz-me que estava “solitário, não por opção mas porque no meio que frequentava não há amigos. Não havia amigos, havia pessoas com quem falava mas nunca tinha confiança com eles, não havia espírito de entajada, a amizade em si não existia”. Uma das características do estilo de vida toxicod dependente é precisamente a fugacidade das interacções, a fragmentariedade das relações sociais, que são guiadas por interesses de alguma ordem, em vez de afectos.*

*No entanto, ao longo do percurso, o Xico reconhece que encontrou algumas pessoas que o ajudaram e apoiaram nos momentos mais difíceis. “Quando comecei a dar-me melhor com as pessoas, lá no hospital, comecei a ter uma certa consideração pelo Sr. Almeida, que era um polícia que fazia e faz serviço nas urgências... Foi esse senhor que, mais ou menos quando eu tinha desistido de viver, quando deixei de me alimentar e essas coisas, foi ele que me apoiou... Tentou-me reconfortar, deu-me apoio moral. Foi uma altura de conquista em relação à amizade e à confiança de algumas pessoas, poucas. O Sr. Almeida é um bom amigo... Olho para ele como um pai que nunca tive e como um irmão mais velho, que nunca o consegui ser!”*

*Neste último ano em que deixou as drogas, sente-se novamente sozinho, dizendo que “As pessoas com quem me relaciono estão directamente ligadas ao consumo das drogas e eu*

*essas não as quero*". Ao longo do programa de tratamento com metadona, conheceu pessoas na mesma situação que ele, a tentar deixar as drogas, mas refere: *"o pior é que eu não consigo encontrar ninguém na mesma situação do que eu, cem por cento abstinentes, consigo encontrar noventa e oito por cento. Consigo, um mês, uma semana e depois pumba! Meteram o pé na poça, por assim dizer. E então eu afasto-me. E depois penso assim: se eu não quero pessoas que andem metidas na droga, quem é que me garante a mim que eu não me vou meter? E se eu sou exigente com as pessoas nesse ponto de vista, então também podem ser exigentes comigo, as outras pessoas, e também não me querem a mim como amigo"*.

### Relações Afectivas

No período em que começou a frequentar as discotecas com o seu grupo de amigos, dos 15 aos 20 anos, teve o primeiro contacto com uma rapariga, uma relação algo regrada e controlada. Contou-me como foi: *"... Saíamos (os amigos) para a discoteca e depois tínhamos que ir para casa jantar, íamos tomar café e começamos a saber onde é que elas moravam, começamos a parar na zona delas. Nós é que tínhamos de ir ao encontro delas, nunca elas vinham ao nosso encontro. Não cantávamos à janela, não havia as serenatas, mas era assim que as coisas aconteciam. E eram um bocadinho ainda mais antiquadas, não tanto como nos filmes, mas... Só que depois eu despertei a atenção da jovem mais bonita do grupo... Voltei a ficar sozinho em relação aos amigos (...) Sim, chegamos a dar beijinhos, chegamos a namorar... Só que é assim, os amigos, aqueles com quem falava, eles falavam comigo porque não podiam demonstrar que deixavam de falar para mim por causa dela, não é? E então houve algumas pessoas que se mantiveram só que a amizade nunca mais foi a mesma. Aliás, deixou de haver amizade. E eles continuavam a falar comigo porque não podiam demonstrar que me viraram a cara porque ela olhou para mim. E os outros, houve alguns que nem aguentaram isso e pura e simplesmente deixaram mesmo de falar para mim"*.

Apesar dos problemas que teve com os amigos, o namoro durou perto de um ano. *"Eu tinha uma relação íntima, só que naquela altura tinha que se respeitar a ideia dela, e ela queria ir virgem para o casamento! Hoje em dia as jovens iniciam a sua actividade sexual mais cedo, não há tanto preconceito. Naquela altura, ainda existia. Talvez ela fosse controlada pela mãe, sei lá! Houve uma vez que eu fiquei embeijado! Quer dizer, ela queria, só que não podia! Namorar podíamos, eu namorava em casa dela. Chegava lá, tocava à campainha, a mãe vinha*

*atender, ia chamá-la. Havia controlo. Houve uma vez, conforme eu disse, que fiquei um bocadinho enfunado e ela esteve a mostrar a parte dela, que era humana, que tinha a mesma vontade que eu... Estivemos a falar ambos sobre isso, só que há sempre um receio que o namoro acabe e ela fique desonrada. E se soubéssemos que hoje em dia as coisas não iam ser vistas desta maneira é lógico que nós tínhamos... tínhamos iniciado a actividade sexual, tinha feito amor, tinha tudo! Só que ninguém sabe o que é que vai acontecer no futuro. E então se acabasse o namoro ela ia deixar de ser virgem e não ia ser aceite. E então aquilo era um presente que só era desembrulhado. Depois o casamento... As pessoas ainda pensavam muito nisso. E eu tive que aceitar. Hoje em dia as coisas são tão fáceis que as pessoas podem se desinteressar no segundo ou no terceiro dia. Naquela altura havia uma espécie de fases... E então era um gosto amargo mas tinha que se conquistar aquelas fases e acabava por ter a sua graça”.*

Em relação ao que sentia quando estava com ela, diz que: *“Sentia amor, quando estava e quando não estava. Ela passou a ocupar praticamente as 24 horas do dia na minha cabeça. Estava a trabalhar, estava a pensar nela. E quando não pensava nela, pensava na minha mãe. Eram os meus dois amores, eu tinha dois amores...”*

De seguida, o Xico fala acerca de como terminou a relação: *“Foi mais ou menos quando eu comecei a ver que me tinha perdido no caminho. Foi quando eu vi que afinal me estava a sentir um bocadinho perdido. Tinha perdido a ideia de porque é que tinha iniciado aquela viagem. Arranjar dinheiro para proporcionar... Fui eu que lhe menti. Disse que a via como uma amiga, que tinha uma paixoneta por ela, mas não era aquele amor mesmo de adorar... E era. Só que eu achei que... Tive medo de não conseguir fazer o que queria fazer. Tive medo de ficar mal e depois não poder proporcionar-lhe a vida que gostaria que a minha mãe tivesse. E para sofrer, eu não quero. Eu só procuro, eu só quero companhia quando vejo que tenho alguma coisa para dar, tenho alegria, tenho... que me sinto capaz de fazer seja qual for o esforço para proporcionar bem-estar à pessoa. De vez em quando vejo-a, ao longe. (longo silêncio) Não me consigo perdoar a mim mesmo, de não me ter decidido e não ter acreditado em mim, na altura que devia...”*

Numa das últimas entrevistas, o Xico fala de uma nova relação, iniciada há pouco tempo: *“O envolvimento começou há duas semanas. Preparei o desmame para ir trabalhar, pedi aconselhamento jurídico para ela, por causa das crianças, pensei em tudo. Estou a ver se arranjo um trabalho em Aveiro, eles pagam alojamento e só venho cá de quinze em quinze dias. Dava para poupar dinheiro, para ajudar a miúda, para ela não se cansar muito e não faltar nada a ela, nem a ela nem aos filhos. Ela disse-me que faz o que faz, prostitui-se, porque o dinheiro não chega. E se chegasse, fazias?, perguntei-lhe. Ela disse-me que não. Por isso é que*

*eu estou assim com um nó na garganta. Ela não tem necessidade, eu mostrei-lhe que ela não tem necessidade, para os primeiros tempos eu tenho, sou uma pessoa poupada. Sou capaz de gastar vinte contos num dia mas depois ando sem gastar nenhum. E sou uma pessoa que pensa no dia de amanhã. Eu quero ser feliz, quero fazê-la feliz.”*

### Relação com o bairro

Apesar de não ter vivido no Bairro S. João de Deus, este local era procurado pelo Xico para os consumos. Além disso, o projecto ARRIMO, que frequentou durante o processo de tratamento, estava sedado em pleno bairro. Recentemente, grande parte dos blocos de habitações foram demolidos e por isso houve grandes mudanças, que contribuíram para a alteração da dinâmica deste “território psicotrópico”. É interessante conhecer a visão do Xico acerca do Bairro, de como era há quinze anos atrás e como é agora.

Dos 20 aos 25 anos, o Xico diz que: *“Isto não tinha interesse nenhum. Isto era só barracos, era barracos por todo o lado, era um labirinto de barracos. Nesta rua tinha muito mais blocos de habitações, eram os “blocos dos condenados”. Quando eu vinha cá, era só polícia por todos os lados. Deixava o carro distanciado, porque normalmente era roubado. Vinha por aí fora, comprava droga. Via crianças a brincar, às vezes vinham assaltar-nos. Nunca tiveram muita sorte para o meu lado, mas qualquer toxicodependente que viesse sozinho para comprar uma ou duas doses estava desgraçado! Assaltavam, eram tipo piranhas. Mas comigo eu mandava um tiro para o ar e elas assustavam-se e fugiam. Isto nessa altura era um supermercado. Ali na rotunda era o Vale dos Leprosos, aquilo não existia, foi aberto a dinamite... ali era o sítio do consumo, para comprar era nos blocos. Na altura via-se multidões de seringa espetada no braço, multidões com prata na mão. A polícia vinha e a gente dizia: água!!! E o caraças e a polícia chegava aqui e começava a descascar em toda a gente e a disparar tiros por todo o lado... Era uma feira! Havia muita droga, muitos consumidores e as crianças passavam, já ninguém escondia uma seringa de uma criança. Isto já não existe, já não existe aqui comércio, a doutora não chegou a ver o bairro. Isto era um entrar e sair de dezenas, centenas de pessoas, carros e carros, não havia sítio onde estacionar o carro. Para os traficantes que vendiam o produto com melhor qualidade formavam-se filas de centenas de pessoas, só se via cabeças... Centenas, isto para não dizer milhares, mas por vezes havia milhares de pessoas à espera de serem atendidas.”*

Depois de sair da prisão, aos 28 anos, o Xico diz-me que notou diferenças no bairro: *“Parecia uma zona de guerra, isto....Um cenário apocalíptico. Pessoas a morrerem, no chão,*

*peessoas tombadas... Gajos a gritarem: já chamaste o INEM? Porque estava a sair um, estava logo a cair outro... Muita gente... Pessoas com infecções, chagas no corpo... Buracos no corpo que dava para caber lá um punho... Era mesmo o Vale dos Leprosos! Via-se muito sofrimento e era triste, era uma situação triste...”*

Acerca da situação actual do bairro: *“Eu ainda parei lá depois do dia 3 de Novembro porque ia lá à terapia ocupacional, mas pelos vistos foi tudo abaixo, deixou de existir. Pena é que estão a transferir famílias viciadas em vender droga e no fundo estão a alastrar o problema. Ali o problema estava concentrado no bairro, e assim teríamos: Cerco, Lagarteiro, Aleixo, S. João de Deus e uma parte da Sé. E agora temos Cerco, Lagarteiro, Aleixo, o S. João de Deus não, a Sé, Pinheiro Torres, temos Aldoar, Matosinhos, a Bica, temos não sei quantos sítios aí da cidade do Porto. Espalharam e pioraram a coisa. E ainda não prejudicou de uma forma alarmante porque uma pessoa e não se vai meter a vender pacotes à força toda assim num lugar, na casa dela. Mas daqui por um ano, quando se ambientarem ao sítio onde estão, aí vai haver tráfico com estratégia”. Pergunto-lhe se tem alguma proposta que pense ser a solução para o bairro, ao que me responde: “arranjarem uma força que fosse totalmente anti-corrupção. A polícia está de certa forma a remar contra a maré, não tem meios”.*

Perguntei-lhe ainda se achava que o bairro era como uma pequena aldeia em relação ao resto da cidade. *“Digamos que o Bairro S. João de Deus era, dentro da cidade do Porto, uma micro-cidadezinha, era um mundo à parte. Eu não morava ali, mas o meu quotidiano fazia parte dali, por alguma razão, neste caso estava relacionado com drogas. E depois há uma espécie de cumplicidade entre traficantes, conhecidos. Nós podíamos andar à porra e à massa uns com os outros, mas se eu precisasse de ajuda por causa de um polícia ou um desconhecido... Eles podiam nem saber o meu nome e não saber se eu tinha razão ou não, mas eu tinha as pessoas do meu lado, para o bom e para o mau. É como se fosse a cadeia, há uma lei que nos rege”. Aqui são visíveis algumas características de um território psicotrópico, tais como a separação em relação à cidade normativa e a criação de uma espécie de regras de socialização que regem as pessoas que frequentam habitualmente o bairro, protegendo-as do controlo policial e de qualquer desconhecido que entre nesse território já ocupado.*

### Relação consigo próprio

Nesta categoria, estão incluídas as verbalizações que o sujeito faz acerca de si mesmo, acerca de como se descreve a si próprio, nas várias etapas da vida.

Com 10/15 anos, o Xico *“Era um miúdo, muito miudinho, muito frágil e que fazia muita coisa para se inserir, porque estava sozinho... e tinha que fazer alguma coisa que despertasse a atenção dos outros. E se eu não fizesse tanta asneira eu nunca era aceite porque era dos mais miudinhos do grupo. Era um dos mais frágeis, então se não tivesse amizade pelas façanhas, pelas asneiras, então eu era posto de parte. Então tinha que fazer as asneiras iguais às que os outros faziam e normalmente até fazer mais do que o que eles faziam, para parecer igual. Tinha que fazer mais do que os outros. Eu nunca fui normal. Tentei ser normal mas acho que nunca consegui. É. Não tenho nenhum defeito numa perna, não manco, não sou cego de nenhuma vista, agora não me sinto como uma pessoa normal. Porque uma pessoa normal com 36 anos às vezes já é pai, às vezes tem uma namorada, decididamente tem amigos, tem um grupo onde parar, quando acaba o trabalho. Toma um banho, vai jantar, às vezes à noite uma vez por outra sai para ir ter com os amigos... E eu é assim: eu vou, tomo banho, como, vou até ao quarto, faço ginástica, tomo um banho, vou dormir. Acordo, faço ginástica, ando a pé, vou ao CAT, venho do CAT, vou almoçar, tomo banho, faço ginástica... Os dias são todos iguais.”*

Falou-me também acerca da sua infância: *“Enfim, em vez de ser uma criança a tempo inteiro havia alturas em que tinha que interromper por momentos o facto de ser criança e ter que agir como um adulto, ou pelo menos tentar aproximar-me de um adulto, para poder viver. Tinha por momentos que deixar de ser aquele puto, aquela criança que tinha entre os 10 e os 15 anos para tomar decisões, para poder sobreviver. Algumas porque queria ser adulto à força, outras porque tinha de agir como um adulto”*.

Dos 15 aos 20 anos, considerava-se *“um jovem que se estava a tentar evidenciar... Porque no fundo eu senti-me sempre... sempre sozinho. Porque... aquilo que eu era e aquilo que eu sempre fui às tantas não era a pessoa que eu era. Eu mostrei-me de uma certa forma de tentar agradar às pessoas, provavelmente, porque senti sempre uma solidão enorme, senti sempre um vazio. E então sempre senti uma necessidade enorme de ter alguém por perto, e então tinha que tentar mostrar provavelmente mais qualidades que aquelas que tinha. Porque tenho imensa solidão, sabe? Achava que era uma pessoa... triste, no fundo triste, talvez. Incompleta! Quase frustrado”*.

Perguntei-lhe, na mesma altura, quais eram as suas expectativas para o futuro, ao que me respondeu: *“Eu nunca pensei muito no futuro. Eu queria mais era arranjar a melhor maneira a mais curto prazo possível para tentar dar um pouco de alegria à minha mãe. Eu nunca me preocupei muito comigo, agora que penso no assunto. Estava mesmo preocupado era em tentar proporcionar uma vida mais ou menos normal para uma esposa, mãe de filhos. Porque me sentia... sentia muita gratidão pelo facto de ela se expor a todo o tipo de violência*

*doméstica para proteger-me, a mim e aos meus irmãos... Eu sentia tanta gratidão nisso que nunca pensei muito em mim.*

*I – E acha que esse papel era seu, de proporcionar uma boa vida à sua mãe e cuidar dela?*

*X – Não! Esse papel devia pertencer ao meu pai! Só que ele nunca proporcionou uma boa vida para a minha mãe, nem como esposa, nem como mãe de filhos. E alguém tinha que o fazer e eu... a maneira era tentar arranjar dinheiro, arranjar dinheiro para tentar tirá-la dali e o tiro saiu-me pela culatra, porque eu mexi naquilo que não devia e acabei por dificultar ainda mais as coisas. Eu tentei fazer aquilo que para mim e para aquela idade era impossível, e também porque não me competia a mim. E eu perdi-me pelo caminho. E é aí que entra o adjectivo quase frustrado, às tantas mesmo frustrado. Eu não me queria adjectivar dessa forma mas às tantas até é mesmo essa, porque o tiro saiu-me mesmo pela culatra. Eu não consegui nada disso e apenas arruinei-me, distanciei-me ainda mais. Conseguia proporcionar alegrias à minha mãe mas breves alegrias em pequenos espaços de tempo e... as tristezas que causei acabaram por ser mais que as alegrias. É... frustrado, ou falhado! Sei lá!”*

Continua a falar acerca do seu comportamento, tentando justificá-lo. “*Tinha algumas situações que era agressivo, não por ser agressivo, mas porque tinha de o ser, era obrigado a isso, pelas minhas actividades desviantes. Eu tive que deixar de ser criança muito cedo. Eu no fundo vivi a minha vida muito sozinho, sabe? Tive de me afastar da Júlia, minha namorada, porque não lhe podia dar alegrias, não lhe podia dar descanso. Que me adiantava dar alegria às pessoas de quem gostava se depois as fazia andar com o coração nas mãos por causa da vida que levava? A minha história de vida não tem a ver com os relacionamentos nem com os consumos, mas com a ausência de um bom pai”.*

Refere-se ao período dos 20 aos 25 anos, dizendo que: “*era um bocadinho imaturo, com um espírito aventureiro e acho que fiz coisas sem ter pensado nelas. É, acho que aí se vê muito a imaturidade que tinha”.*

Aos 28 anos, quando saiu da prisão e face à morte da mãe, diz que: “*estava mais calmo, ou melhor, agia de maneira mais calminha, embora estivesse um bocadinho mais revoltado. Não me meti mais em broncas nenhuma, acalmei. Cá dentro, estava mais revoltado, talvez. Então, fogo!!! Fui um menino tão bonito, errei, dei o corpo ao manifesto, fui cumprir o meu castigo e depois quando vim tiram-me tudo! Fiquei um bocadinho chateado, sabe, com Nosso Senhor... Foi o período mais difícil da minha vida”.*

Nos últimos anos, durante a fase mais intensa de consumos, considerava-se “*uma pessoa muito solitária, passava a vida sozinho... Falar só falava mesmo o essencial, isto é, não*

*me abria com ninguém daquilo que sentia, era uma pessoa muito fechada em mim. Só falava porque era mesmo necessário, para fazer dinheiro para poder comer, ou melhor, primeiro para o vício, depois é que era para comer”.*

Considera que o último ano foi como um ponto de viragem, um ponto de partida para a mudança. Perguntei-lhe se notou diferenças em si, desde que deixou de consumir. Disse-me: *“Acho que era uma pessoa insociável e agora acho que sou um bocadinho mais sociável! (risos) A mudança talvez seja isso, não sei. Comecei a preocupar-me com os outros. Agora preocupo-me com os sentimentos, não só os meus mas também os dos outros. E estou a tentar aprender a viver com isto”.*

Relativamente a expectativas, sonhos e projectos para o futuro: *“O meu sonho é conhecer alguém e tentar fazer esse alguém ser feliz conforme eu nunca consegui fazer ninguém. Fazer tudo pela pessoa. Isso ia-me fazer muito feliz. Profissionalmente, a curto prazo, estou a tentar tirar a carta de condução e começar um curso remunerado de técnico de informação turística, acaba por ser uma fonte de rendimento, ganhar mais algum dinheiro para ajudar aos custos, pronto! Vou tentar tratar da carta de condução, acabar de pôr os implantes na boca, continuar no ginásio, arranjar a minha casa... Aliás, tenho um mês para arranjar um sítio onde ficar porque a segurança social agora quer que acabem essa coisa das pensões... Aquilo acaba por ser bordéis, velhas a convidar um gajo: “Olha, queres vir comigo?”. Coisas assim todas malucas... Posso dizer um palavrão? É uma cambada de putas, um putedo, essas cenas das hospedarias. Mas é mesmo! É medonho, um ambiente medonho. Vamos lá ver. E quero arranjar um trabalho. A logo prazo, penso em arranjar uma casa fora daqui, talvez ali para os lados de Aveiro ou qualquer coisa. Eu não tenho nada que me prenda aqui, a não ser lembranças ruins. Tenho uma coisa ou outra agradável, só que não me vou estar a amarrar a isto porque não vou estar a viver de fantasias. Tenho que viver agora com realidades”.*

Pedi-lhe para pensar na sua vida e reflectir sobre o que mudou. *“O quotidiano mudou, mas eu sou o mesmo. Eu levei aquela vida, mas tentei sempre não prejudicar ninguém. Eu acho que fui mais ou menos fixe. Tive um azar, fui preso e isso, mas no meu íntimo eu acho que sou uma pessoa porreira. Eu preocupo-me muito com os outros, às vezes demais! Eu gosto de ajudar, eu quero ajudar, só que sozinho sinto-me impotente para mudar as coisas tão simples! Já sei que as grandes coisas eu nunca as vou mudar no mundo! Mas há coisas pequenas que com um bocadinho de compreensão e boa vontade de ambas as partes nós podemos mudar! Podemos tornar o mundo bonito, ou pelo menos menos feio. Eu também quero que reparem em mim! Quero-me sentir amado, quero que me abracem, também tenho as minhas carências...”.*



Por fim, conta-me como é agora o seu dia-a-dia: *“acordo, vou para a minha casa de banho, visto-me, entro no cafezinho e está lá o meu galãozinho escurinho, leite frio, meia torradinha, pronto. Venho para o quarto, ouço música, faço um bocado de desporto e tomo o meu suplemento vitamínico. Depois vou almoçar, espero duas horitas e faço uma hora e meia de exercício físico puxado. Todos os dias como um quilo de fruta, duas ou três sopas por dia, três bifes... Estou a comer bem, estou a queimar muitas energias e preciso de suplementos. Além do ginásio, corro”*.

*Categoria “Dispositivos formais de controlo”*

### Intervenções terapêuticas

Entre os 5 e os 6 anos, o Xico teve Hepatite C. Apenas se recorda de *“ficar no hospital um ano para fazer um tratamento que era muito demorado...”*

Diz-me que não teve mais problemas de saúde: *“Nunca adoeci. É uma questão de hábito. O ser humano habitua-se ao clima. Descobri isso aos quarenta quase... Aos trinta e... Aos trinta, trinta e tal. É, uma pessoa habitua-se”*.

Apesar disso, parece que agora anda mais preocupado com a sua saúde: *“Ando a fazer exames e afinal o fígado não está tão danificado quanto eu pensei. Vamos lá ver... Desde Outubro já fiz sete ou oito análises e o que é certo é que estou bem!”*

Em relação ao que sente por não ter nenhuma doença associada ao consumo de drogas, diz que *“É gratificante saber que ainda bem que tive os cuidados que tive.”*

Perguntei-lhe ainda o que achava acerca do projecto ARRIMO, dado que a toma da metadona foi realizada numa Unidade Móvel, e mais tarde no CAT. Disse que *“Na Unidade Móvel há menos utentes e por isso há um atendimento muito mais personalizado, uma pessoa sente muito mais o carinho. Acho que toda a gente devia começar por uma estrutura tipo ARRIMO, uma coisa do género. Havia de haver menos CAT's e mais Unidades Móveis, uma pessoa sente-se mais próxima.”*

### Intervenções judiciais

Entre os 21 e os 23 anos, o Xico andou “fugido”. Refere que: *“tinha um mandato de detenção, um mandato de captura internacional... Teve a ver não com a tropa, mas com*

*comportamentos desviantes. Depois, aos 23 anos, o meu pai teve um enfarte e a minha mãe pediu-me para me entregar. Ela andava com o coração nas mãos por minha causa e era areia demais para a camioneta dela, eu vi que estava a sofrer demasiado e eu queria ajudá-la de alguma maneira e queria-lhe dar paz. E ela disse: ó filho, para me dares paz é preciso resolveres a tua situação e o teu pai ficar melhor. E eu resolvi entregar-me. Fiz um saco e apresentei-me na esquadra da PSP e eles nem quiseram acreditar, estavam impávidos a olhar para mim, trancaram as portas, chamaram o corpo de intervenção, puseram lá gajos de G3 e fizeram uma grande farra; parece que só faltava deitar foguetes...”*

A partir daí, estive preso até aos 28 anos. Fala-me do seu tempo na cadeia: *“Lá não tinha comportamentos desviantes, o que eu queria era bifes passados. Tinha dias que me portava bem, tinha dias que me portava mal, mas tentava passar os dias despercebido. É lógico que se os problemas surgissem tinha que os enfrentar, virar as costas lá é mau sinal. Não há que virar a cara a ninguém, nem que ele tenha dois metros. Porque senão depois as pessoas perdem-me o respeito.”*

Ao falar das condições da cadeia e do que viu e sentiu, conta-me que: *“Há gritos de desespero e de loucura porque chega-se a um ponto em que a pessoa já não sabe quem é...”* e refere que chegou quase ao limite, adoptando comportamentos de auto-destruição: *“Mutilei-me, também. Estava farto, entrei em pânico e dei dois murros num vidro, peguei num caco, enfiei-o no braço e rasguei o braço todo de cima a baixo, só para sair por dez minutos da cela, para eles estancarem o sangue e coserem-me. O ar tornou-se pesado, eu tinha que respirar um bocadinho fora dali. Arrependi-me de me ter mutilado, arrependi-me de me ter entregado, de ter feito tudo o que fiz e de todos os meus comportamentos desviantes. Arrependi-me até de ter nascido, mas eu aí não tive direito de opção. Cheguei a estar tão perdido que uma vez escrevi uma carta à minha mãe e escrevi com a palavra mãe com “m”, “a”, “i”, “n”, “h”, “e”!*

### Relação com a polícia

Este tema surge apenas quando fala acerca da sua actividade no Hospital de S. João, enquanto arrumador de carros: *“Houve uma altura que por causa de um programa, o Porto Feliz, os arrumadores não podiam estar ali, e então... A polícia só conseguia fazer com que algumas pessoas desistissem à força! Depois de ficarmos sem o dinheiro e de nos espancarem, ainda ficávamos seis horas na esquadra! Se já estávamos a rressacar, se já íamos lá desesperadíssimos e todos pisados, todos empenados... Torturavam-nos, mesmo! Chegaram-*

*me a partir das costelas, a espalmar os pés com bastões... Fizeram-me muita coisa, mas prontos...”*

## Conclusão

A narrativa que o sujeito constrói sobre si mesmo está carregada de aspectos destrutivos e disruptivos, particularmente em relação à família. São inúmeras as referências que faz aos maus-tratos infligidos pela figura paterna a todos os elementos da família, devido ao seu problema de alcoolismo. De facto, a ausência de uma base segura e de um estilo educativo eficaz podem ter funcionado como factores de risco para o ingresso e manutenção de comportamentos desviantes, sobretudo o abuso de drogas. Outros factores de risco referidos por Morel, Boulanger, Hervé & Tonnelet (2001), citados em Nunes & Jólluskin (2007) e presentes na história de vida do Xico são: o domínio de um inadequado estilo relacional e afectivo, a existência de relações conflituosas no seio familiar, o pouco envolvimento e adaptação à escola e a história de consumo de drogas nos progenitores.

Outro aspecto muitas vezes referido pelo entrevistado foi o facto de sempre se ter sentido sozinho. Este sentimento de solidão, da falta de uma rede de suporte social e ausência de relacionamentos afectivos na idade adulta, teve grande importância para ele. Aliás, considera que é um dos aspectos em que tem que investir, agora que está abstinente de drogas.

Podemos observar no discurso do indivíduo uma evolução da trajectória “desviante”. Este caminho é iniciado por pequenas brincadeiras com o grupo de pares, as “partidas”, que mais tarde vão dar origem a furtos. Com o início dos consumos e o abandono da casa de família, estes comportamentos evoluem para outros, mais graves e característicos do estilo de vida *junkie*, devido à necessidade de participação nas economias informais para angariação de dinheiro para os consumos. O percurso do Xico evolui até uma fase de total isolamento e exclusão social, terminando com o seu tratamento e reinserção na sociedade.

O método biográfico equivale a uma tentativa feita para captar o não explicado, o não retido, para se situar nessa encruzilhada da pessoa e da sociedade que é a própria vida. Só a biografia pode captar a quotidianidade da existência, que é o suporte do acontecimento. Mais que o acontecimento, aquilo que procuramos e que encontramos na história de vida é a representação social – feita de imaginário, de processos cognitivos, de construções intelectuais, de imagens, de afectos e de crenças (Poirier *et al.*, 1995).

A história de vida, baseada na relação privilegiada entre investigador e informante, pode-nos também dar informações acerca das dinâmicas sociais, dado que todos os acontecimentos estão ligados a um espaço e um tempo específicos.

Por fim, resta-me tentar justificar a possível pertinência do “*single case*” ou da história de vida de caso único. Embora possa ter bastantes dificuldades e ser criticado, nomeadamente a nível da representatividade, este tipo de investigação pode ser mais rico, criar informação mais profunda, verdadeira e dar pistas para investigação no futuro. É uma forma de conhecer a fundo a vida de uma pessoa contada pelas suas próprias palavras, e a partir daí conhecer certos fenómenos sociais que de outro modo não seriam objecto de reflexão. Na minha opinião, este método suscita dúvida, mas curiosidade; incerteza, mas reflexão, e dificuldades, mas resultados satisfatórios. Espero assim poder criar um conhecimento mais preciso acerca das práticas destes actores sociais e da relação entre mundos desviantes e normativos. Esta história de vida não pretende obter resultados, mas pode ser útil uma comparação com outras histórias de vida de toxicod dependentes, para ter um conhecimento mais amplo sobre os fenómenos e práticas destes actores sociais.

## Bibliografia

- ✓ Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- ✓ Burgess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora.
- ✓ Caldeira, Z. (1999). *Drogas, indivíduo e família: Um estudo de relações singulares*. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ (Dissertação de Mestrado).
- ✓ Clinard, M. & Meier, R. (2008). *Sociology of deviant behavior*. E.U.A.: Thomson Wadsworth.
- ✓ Dias, C. (1999). *Grupo focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. Retirado de: [www.informacoesociedade.ufpb.br/pdf/IS1020006.pdf](http://www.informacoesociedade.ufpb.br/pdf/IS1020006.pdf)
- ✓ Dias, C. (2000). *Pesquisa qualitativa – Características gerais e referências*. Retirado de: [www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf](http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf)
- ✓ Etherington, K. (2006). The impact of trauma on drug users' identities. *British journal of guidance & counselling*, Vol. 35, 4.
- ✓ Etherington, K. (2006). Understanding drug misuse and changing identities: A life story approach. *Drugs: education, prevention and policy*, Vol. 13, 3, pp. 233–245.
- ✓ Fernandes, L. (2001). Criminogénese e perigosidade a propósito do “bairro social degradado”: Problematizações. *Temas Penitenciários*, II (6, 7), pp. 9-14.
- ✓ Fernandes, L. (2002). *Sítio das drogas*. Lisboa: Notícias.
- ✓ Fernandes, L. & Pinto, M. (2004). El espacio urbano como dispositivo de control social: Territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad. *Uso de drogas e drogodependências*. Vol. 5, pp. 147-162.
- ✓ Fernandes, L. (2006). Figuras da vitimação colectiva. *Revista europeia de inserção social*. Vol.1, 1, pp.57-77.
- ✓ Ferreira-Borges, C. & Filho, H. (2004). *Alcoolismo e toxicoddependência*. Lisboa: Climepsi.
- ✓ Frank, A. (2000). The standpoint of storyteller. *Qualitative health research*, Vol. 10, 3, pp. 354-365.

- ✓ Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- ✓ Hoyt, W. & Bhati, K. (2007). Principles and practices: An empirical examination of qualitative research in the journal of counselling psychology. *Journal of counselling psychology*, Vol. 54, 2, pp. 201–210.
- ✓ Kaplan, B. & Duchon, D. (1988). Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: A case study. *MIS Quartely*, Vol. 12, 4, pp. 571-586.
- ✓ Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R. & Zilber, T. (1998). *Narrative research: Reading, analysis and interpretation*. Londres: Sage.
- ✓ Nunes, L. & Jóluskin, G. (2007). *Drogas e comportamentos de adicção: Um manual para estudantes e profissionais de saúde*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- ✓ Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1995). *Histórias de vida: Teoria e prática*. Oeiras: Celta.
- ✓ Ribeiro, M. (2004). Do junkie da “castanha” ao junkie “pastilhado”- para uma caracterização. *Toxicodependências*. Vol. 10, 1, pp. 43-50.
- ✓ Singer, J. (2001). *Living in the amber cloud: A live story analysis of a heroin addict*.
- ✓ Thio, A. (1983). *Deviant Behavior*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- ✓ Tinoco, R. (2002). Efeitos da heroína – Uma leitura longitudinal. *A página da Educação*. No. 117, 11, pp. 33
- ✓ Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências – O biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências*. Vol. 7, 1, pp. 17-22.
- ✓ Tinoco, R. & Pinto, S. (2003). As potencialidades clínicas do biograma. *Toxicodependências*. Vol. 9, 3, pp. 39-46.
- ✓ Xiberras, M. (1993). *As teorias da exclusão*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Yow, V. (1994). *Recording oral history: A practical guide for social scientists*. Londres: Sage.

## **Anexo I**

### **Guião da História de Vida**

O guião partiu da elaboração de um biograma, pelo que as questões serão organizadas através de períodos cronológicos da vida, de 5 em 5 anos. Em cada “estádio da vida” serão feitas algumas perguntas-tipo (Lieblich, Tuval-Mashiach, & Zilber, 1998). No início de cada período é referido ao participante o que escreveu em cada área temática, e ainda o que disse na primeira síntese da sua história de vida. Cada campo do biograma será classificado em termos emocionais numa escala de 1 – nada importante até 5 – muito importante. O participante, por iniciativa própria, junto do 4 – bastante importante, colocou a opção 4<sup>a</sup> – bastante importante infelizmente. Será tida em conta toda a informação não-verbal (gestos, mímica, expressão facial e corporal...).

### **Dados sócio-demográficos**

Nome fictício: Xico

Data de Nascimento: 12/9/71

Nacionalidade: Portuguesa

Morada: sem-abrigo (jardim do Hospital de S. João)

Estado Civil: solteiro

Profissão: desempregado

### **Informação do primeiro contacto: resumo da história de vida**

Esta informação não foi gravada. Foram tomadas notas o mais aproximadas possível do discurso do informante.

### **FAMÍLIA**

*“Não tenho contacto. Os meus pais morreram, tenho dois irmãos mais velhos, um deles morreu, teria 39 anos. O outro tem 38 anos, é casado e tem um filho. Havia problemas em casa. O meu pai foi veterano na Guerra do Ultramar, era violento, perturbado, alcoólico e jogador... não tinha nenhum tipo de relação com ele. No fim do mês, trazia dívidas, quando bebia álcool espancava os filhos e a mulher. A relação com a minha mãe era ótima com todos. Com os irmãos, tinha uma boa relação com o mais velho, que era toxicod dependente. Tenho antecedentes: o meu pai e o meu irmão.”*

### **ESCOLA**



*“Entrei aos 7 anos, porque tive uns problemas de fígado e um sopro no coração. Tive namoradas mas nada sério. Com os amigos dava-me bem, tinha bastantes... era bom aluno, mas faltava muito. Estive na escola até ao 9º ano. Depois da escola, fugi de casa, aos 14/15 anos, devido à má relação com o meu pai. Fui para Lisboa. Arranjava dinheiro nas festas, roubava... Depois vim para casa. Vivia perto, aluguei uma casa. Só falei uma vez com o meu pai.”*

### RELAÇÃO COM AS DROGAS

*“Aos 15/16 comecei a fumar heroína com os amigos. Fumava também haxixe e cocaína. Comecei a injectar heroína aos 18 anos, durante um ano. Depois fui para tropa...foi dura, nos Fuzileiros (18 meses). Fui despromovido porque os exames acusaram droga, depois fui para a reserva. Depois continuei a consumir, continuei nessa casa, depois fui preso. Estive em Custóias, por roubo à mão armada, 3 anos e 3 meses. Os quartos eram pequenos, tinha más condições. Não falava com ninguém, portava-me mais ou menos. Trabalhava nas oficinas, uma vez desmontei o carro do director. Durante 3 desses anos estive em Santa Cruz do Bispo. Não consumia. Tinha sanitas na cela, luz de presença, telecomunicador, tv... Quando saí, voltei para casa. A minha mãe morreu, comecei a picar heroína e cocaína (bower) e a viver no Hospital de S. João. Em 85/87 comecei a ir ao Bairro... comprava e vinha embora. Consumia duas gramas por dia, dependia do dinheiro.”*

### BAIRRO S. JOÃO DE DEUS

*“Em 85/87 havia o bloco dos condenados, muitos barracos que depois passaram a se blocos, a maior parte ciganos. Dantes havia mais droga, aquilo era um supermercado! Não havia capiadores, era em maior quantidade e era mais caro, 300 % mais caro. Uma grama custa 6 contos, custava 18 contos! Agora há menor qualidade, menos traficantes, alguns morreram, os restantes foram condenados. Assisti à desarticulação. A polícia entra a matar... a população era unida, organizada, quase toda a gente alinhava no tráfico. Guardavam droga, faziam pacotes, quiosques com limão, sacos... nessa altura não trocava muito... comprava. Nunca partilhei material. A relação com a polícia não existia, era casual, agrediam, havia insultos, confrontos.*

### 0 aos 5 anos

✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.

✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?

### **Família**

*“Apenas me recordo vagamente de maus tratos”. 4*

Como começaram os maus-tratos? Como reagiram os vários elementos da família?

### **Intervenções terapêuticas/Estado de saúde**

Teve algum problema de saúde nos primeiros anos de vida?

Como foi a gravidez/parto da sua mãe?

Alguém tem ou teve doenças na sua família?

## **5 aos 10 anos**

✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.

✓ Que tipo de pessoa era durante este estádio?

✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?

✓ Quais eram as suas expectativas para o futuro?

### **Família**

*“Continuam os maus-tratos mas agora já tenho algumas recordações”. 5*

Como era a relação com os elementos da sua família? E a vida familiar?

Os maus-tratos agravaram-se? Tentava proteger os outros elementos da família?

### **Amigos**

*“Tinha poucos amigos”. 2*

Como era a sua relação com eles?

### **Percurso Escolar**

*“Aos 7 anos entrei para a escola primária”. 2*

Porquê desta idade.

Era bom aluno? Gostava de estudar?

Lembra-se de algum episódio marcante, com os professores ou colegas?

Como era o seu comportamento na escola?

### **Intervenções terapêuticas**

*“Hepatite”.*

Como soube? Qual o motivo? Recebeu cuidados médicos?

### **Ocupação do tempo**

Como ocupava o tempo? Ajudava nas tarefas domésticas? Ou preferia brincar com os amigos?

Praticava algum desporto?

### **Habituação / sem-abrigo**

Como era a sua casa? Gostava de lá estar?

Qual era o seu espaço preferido?

### **Comportamento**

*“Reservado”. 2, talvez 0*

## **10 aos 15 anos**

✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.

✓ Que tipo de pessoa era durante este estádio?

✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?

✓ Quais eram as suas expectativas p o futuro?

### **Família**

*“Tenho ideia que foi nesta fase (13 ou 14 anos) que fugi de casa com muita tristeza por deixar a minha mãe”. 5*

Como era a relação com os elementos da sua família? E a vida familiar?

Porque saiu de casa e em que circunstâncias? Como reagiram todos?

### **Vida profissional**

Como conseguia sobreviver? Como arranjava dinheiro e onde dormia?

### **Amigos**

*“Igual ao período anterior”*. 2

### **Relacionamentos afetivos**

Tinha namorada? Sentia falta de um apoio?

### **Percurso Escolar**

*“Estudava”*. 2

Era bom aluno?

Gostava de estudar?

Lembra-se de algum episódio marcante, com os professores ou colegas?

Como era o seu comportamento na escola? Era popular?

### **Intervenções terapêuticas**

*“Comecei a estragar a saúde e só parei no último período”*. 4<sup>a</sup>

Os seus pais repararam? Sabiam que consumia droga? Levaram-no a consultar um médico?

### **Intervenções Judiciais**

### **Consumos**

*“Nos finais deste período comecei a consumir droga: heroína e haxixe”*. 4<sup>a</sup>

Em que circunstâncias ocorreu o primeiro contacto com a droga? Porquê?

Gostou? Que efeitos sentiu? Tipos de droga e modos de administração, quantidades.

Quando começou a tornar-se um consumo problemático, a afectar outras áreas da vida?

### **Comportamento Desviante**

Considerava-se um jovem delinvente? Como se comportava? Definia-se como um adolescente....

### Ocupação do tempo

Hobbies/passatempos. Eram actividades desviantes?

### Relação com o bairro

Vinha ao bairro? Como conheceu o bairro?

### Habitação / sem-abrigo

Quando fugiu de casa, onde vivia?

### Comportamento

Quem era o Xico nessa altura? Considerava-se uma criança ou um adolescente?

## **15 aos 20 anos**

- ✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.
- ✓ Que tipo de pessoa era durante este estádio?
- ✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?
- ✓ Quais eram as suas expectativas p o futuro?

### Família

*“Foi neste período que enfrentei o meu pai e lhe disse que não permitiria mais agressões a ninguém”. 5*

Como era a relação com os elementos da sua família? E a vida familiar?

O que sentia em relação à família?

Quando é que a sua família soube que andava a consumir?

### Vida profissional

O que fazia quando abandonou a escola?

O que queria exercer no futuro?

### Amigos

Continuava a ter poucos amigos?

### **Relacionamentos afectivos**

Teve alguma namorada?

Como se sentia quando estava com raparigas?

### **Percurso Escolar**

*“Logo no início deste período abandonei a escola”. 4 do ponto de vista negativo*

Por que motivo abandonou a escola? Foi uma decisão sua?

Como reagiu a sua família?

### **Intervenções terapêuticas**

*“Idem”*

### **Intervenções Judiciais**

Como evitava a polícia? Nunca foi apanhado?

### **Consumos**

*“Troquei o haxixe pela cocaína, tudo o resto se manteve”. 4ª*

O que sentia quando consumia?

Era capaz de deixar a droga? Queria fazê-lo?

A ressaca tendia a piorar e a dose a aumentar?

Quantidade e modos de administração?

### **Comportamento Desviante**

*“Início da actividade marginal”. 4ª*

Tipo e frequência das actividades, com amigos ou sozinho?

Como obtinha o dinheiro para os consumos e para viver?

### **Ocupação do tempo**

O que fazia no tempo livre? O que fazia quando estava drogado e quando ressacava?

### **Relação com o bairro**

Quando começou a ir ao Bairro? Em que circunstâncias?

Tinha amigos lá?

Como era o bairro nessa altura? Gostava de lá estar?

### **Habitação / sem-abrigo**

*“Aluguei a minha primeira e única casa”. 4*

Conte-me esse episódio. Gostava de viver na sua casa? Sentia-a como seu lar?

### **Comportamento**

*“Agressivo”. 4<sup>a</sup>*

Agressivo consigo mesmo ou com os outros? De que modo?

## **20 aos 25 anos**

- ✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.
- ✓ Que tipo de pessoa era durante este estádio?
- ✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?
- ✓ Quais eram as suas expectativas p o futuro?

### **Família**

*“Fisicamente estive quase sempre ausente... estive preso” 5*

Como era a relação com os elementos da sua família?

O que sentia em relação à família e o que é que acha que eles sentiam face à sua ausência?

### **Vida profissional**

*“Serviço militar (voluntário)”. 3*

Como foi a sua entrada no serviço militar?

Porque é que decidiu voluntariar-se?

Gostava de lá estar?

Dava-se bem com os seus colegas?

E a relação com os superiores, tinha alguma dificuldade em seguir as ordens e cumprir as regras?

### **Amigos**

*“Solitário não por opção mas porque no meio que frequentava não há amigos”. 2*

### **Relacionamentos afectivos**

#### **Intervenções terapêuticas**

*“Idem”. 4<sup>a</sup>*

Notou diferenças no seu estado físico durante a tropa?

#### **Intervenções Judiciais**

#### **Consumos**

*“Durante o serviço militar houve um pequeno período em que não consumi mas depois recaí”. 4<sup>a</sup>*

Como conseguiu não consumir? Teve ressaca?

Quanto tempo esteve sem consumir e porque recaiu.

#### **Comportamento Desviante**

#### **Ocupação do tempo**

O que fazia no tempo livre?

#### **Relação com o bairro**

#### **Habitação / sem-abrigo**

Como eram as condições de vida durante o serviço militar?

#### **Comportamento**

Quem era o Xico nessa altura? Era mais responsável, autónomo, respeitador, cumpridor?



## 25 aos 30 anos

- ✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estágio.
- ✓ Que tipo de pessoa era durante este estágio?
- ✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estágio, e porquê?
- ✓ Quais eram as suas expectativas p o futuro?

### Família

*“Estava preso e quando saí passado pouco tempo faleceu a minha mãezinha”. 5*

Como era a relação com os elementos da sua família? E a vida familiar?

O que sentia em relação à família?

A sua família visitava-o? Como reagiram à sua reclusão?

### Vida profissional

*“Inexistente”.*

### Amigos

*“Quase sempre só”. 2*

Tinha amigos na cadeia?

### Relacionamentos afectivos

### Intervenções terapêuticas

*“Idem”. 4ª*

*Pensou em pedir acompanhamento psicológico na cadeia?*

### Intervenções Judiciais

### Consumos

*“Comecei a injectar-me quando perdi a minha mãezinha”. 4ª*

Mas já tinha injectado antes, não?

O que sentiu quando a sua mãe faleceu? Ainda estava preso? Como conseguiu superar a perda?

Quando é que se apercebeu que precisava de ajuda? Demorou muito até pedi-la?  
Consumia enquanto esteve preso? Se não, quando voltou aos consumos?

### **Comportamento Desviante**

Cometia delitos?

### **Ocupação do tempo**

O que fazia na cadeia, além das oficinas?

### **Relação com o bairro**

Quanto tempo depois voltou ao bairro? Notou diferenças?

### **Habitação / sem-abrigo**

Para onde foi viver quando saiu da cadeia? Sentiu dificuldades na reinserção? Teve ajudas?

### **Comportamento**

*“Acalmei. A reclusão deu-me alguma maturidade”. 4*

Acalmou em que sentido?

## **30 aos 35 anos**

✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estágio.

✓ Que tipo de pessoa era durante este estágio?

✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estágio, e porquê?

✓ Quais eram as suas expectativas p o futuro?

### **Família**

*“Perdi o meu irmão, a única pessoa que restava e de quem eu verdadeiramente gostava (além da mãezinha)”. 5*

Como era a relação com os elementos da sua família? E a vida familiar?

O que sentia em relação à família?

Conte-me esse episódio do seu irmão.

### **Vida profissional**

*“Inexistente”.*

Nunca pensou procurar um emprego?

### **Amigos**

*“Igual à anterior”.* 2

### **Relacionamentos afectivos**

Sente falta de uma companhia feminina?

### **Intervenções terapêuticas**

*“Idem”.* 4ª

### **Intervenções Judiciais**

Teve algum problema com a polícia, quando saiu da cadeia? Como se dava com eles?

### **Consumos**

*“Igual à anterior. Continuei a injectar-me”.* 4ª

Partilhava material? Tem alguma doença relacionada com o consumo?

### **Comportamento Desviante**

Considerava-se um marginal, um “desviante”? Discussão do conceito desviante, caso se proporcione.

### **Ocupação do tempo**

O que faz no tempo livre? Gostaria de ter alguma actividade em especial?

### **Relação com o bairro**

Com que frequência vai ao bairro? Como está o ambiente?

### Habituação / sem-abrigo

Porque é que ficou na situação de sem-abrigo? Como suportava? Teve alguns problemas?

### Comportamento

Quem era o Xico?

## **35 aos 40 anos (36)**

- ✓ Conte-me um episódio ou memória que tenha um significado para si, neste estádio.
- ✓ Que tipo de pessoa era durante este estádio?
- ✓ Quem eram as pessoas significativas para si neste estádio, e porquê?
- ✓ Quais são as suas expectativas p o futuro? Tem sonhos, planos?

### Família

*“Não tenho, pelo menos por agora”. 4*

O que sente agora em relação à família? Tem algum contacto?

Pensa no futuro constituir família? Acha que daria um bom pai/marido?

Notei que ao longo dos períodos da vida deu bastante importância à família....

### Vida profissional

*“Não tenho para já”. 4*

Pensa no futuro arranjar emprego? Em que área?

Noto que sempre deu pouca importância à área profissional. Por algum motivo em especial?

### Amigos

*Estou feliz e optimista... pela primeira vez vejo o significado da palavra amizade”. 5*

Conte-me acerca disso. Fez novos amigos?

### Relacionamentos afectivos

Pensa em arranjar uma companhia e casar? Com que frequência?

O que sente acerca da possibilidade de permanecer solteiro?

### **Intervenções terapêuticas**

*“Hepatite C. Tentarei minimizar os estragos que dei ao fígado com o limão”. 5*

Teve ou está a ter algum tipo de acompanhamento médico ou psicológico?

A saúde sempre foi importante para si. Como se sente por não ter outro tipo de doenças associadas ao consumo de drogas?

### **Intervenções Judiciais**

Tem actualmente algum problema pendente com a justiça?

### **Consumos**

*“Estou a tentar deixar a droga”.*

Qual foi o motivo para deixar de consumir?

Acha que alguma vez vai voltar a consumir?

Como está a conseguir suportar este desafio?

Sempre deu bastante importância a este tema. O que acha da sua evolução? Do seu percurso pelo mundo da droga?

### **Comportamento Desviante**

Continua a ter comportamentos desviantes?

### **Ocupação do tempo**

O que faz no tempo livre? O que gostaria de fazer?

### **Relação com o bairro**

*“Pela primeira vez venho ao bairro sem ser para comprar droga”. 5*

Quais são as diferenças entre o bairro antes e depois da desarticulação? Há mais ou menos droga, exposição das crianças, condições de vida, dia-a-dia, relações entre as pessoas, vizinhança, polícia, tráfico, preços, acessibilidade...

Considera que o bairro é como uma “família” onde existem laços de solidariedade entre as pessoas?

### **Habituação / sem-abrigo**

Como está a sua situação neste momento?

**Comportamento**

Como se descreve? Quem é o Xico de hoje, em comparação com quem era?

O que mudou, para melhor e para pior?

## **Anexo II**

### **Contrato**

No âmbito do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na área do Comportamento Desviante e Justiça, estou a elaborar uma tese de mestrado no projecto ARRIMO, utilizando para o efeito a participação de um dos utentes. O utente irá contar a sua história de vida, sendo feitas algumas perguntas em relação às várias temáticas da sua vida. Este contrato tem como objectivo estabelecer algumas regras indispensáveis para o bom funcionamento deste projecto de investigação e das entrevistas com o sujeito. Proponho as seguintes recomendações:

- A participação do entrevistado será necessária até Maio. Deve ser estabelecido que o participante estará presente nas sessões e não abandonará o projecto até ao final. As sessões para recolha de informação têm a duração de 60 minutos, uma vez por semana, às Quintas-feiras, das 10 às 11 horas, numa sala do ARRIMO.
- Toda a informação é confidencial e anónima. Para tal, será utilizado um nome fictício (Xico) e todas as entrevistas serão gravadas. A informação recolhida servirá para fins de investigação, e por esse motivo peço sinceridade nas respostas.
- Algumas atitudes a ter durante esta investigação: respeito pela integridade física e psicológica, confidencialidade e disponibilidade.

Concordo com as regras e assumo o cumprimento deste contrato,

A investigadora, \_\_\_\_\_

O participante, \_\_\_\_\_



## **Anexo III**

### **Grelha de análise de conteúdo**

A – Ocupação

Escola

Tempo livre

Vida profissional

Habitação ou vida sem-abrigo

Comportamento desviante

Gestão dos consumos

B - Dispositivos informais de socialização

Família

Amigos

Relações afectivas

Relação com o bairro

Relação consigo próprio

C - Dispositivos formais de controlo

Intervenções terapêuticas

Intervenções judiciais

Relação com a polícia